



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA**

**VICTOR CESAR SILVA XAVIER**

**MUSEU DO AÇÚCAR (1960-1978): TRAJETÓRIA E SEUS PROCESSOS DE  
MUSEALIZAÇÃO**

**RECIFE**

**2023**

**VICTOR CESAR SILVA XAVIER**

**MUSEU DO AÇÚCAR (1960-1978): TRAJETÓRIA E SEUS PROCESSOS DE  
MUSEALIZAÇÃO**

Monografia apresentada ao Departamento de Antropologia e Museologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título do grau de Bacharel em Museologia.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Emanuela Sousa Ribeiro.

**RECIFE**

**2023**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Xavier, Victor Cesar Silva.

Museu do Açúcar (1960-1978): trajetória e seus processos de musealização /  
Victor Cesar Silva Xavier. - Recife, 2023.

53 p. : il.

Orientador(a): Emanuela Sousa Ribeiro

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de  
Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Museologia -  
Bacharelado, 2023.

1. musealização. 2. Museu do Açúcar e do Alcool. 3. Museu do Homem do  
Nordeste. 4. civilização do açúcar. 5. Patrimônio científico e tecnológico. 6.  
Fundação Joaquim Nabuco. I. Ribeiro, Emanuela Sousa. (Orientação). II. Título.

060 CDD (22.ed.)

**VICTOR CESAR SILVA XAVIER**

**MUSEU DO AÇÚCAR (1960-1978): TRAJETÓRIA E SEUS PROCESSOS DE  
MUSEALIZAÇÃO**

Monografia apresentada ao Departamento de Antropologia e Museologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título do grau de Bacharel em Museologia.

Aprovado em: 15/05/2023

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Emanuela Sousa Ribeiro (Orientadora)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. Bruno Araújo de Melo (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dra. Carolina Borges (Examinador Externo)  
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ao Sr. Xavier e a Sra. Ana  
Cristina, por serem base em  
tudo na minha vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao universo, por conspirar para tudo dar certo. Aos meus amados pais por todo apoio, amor e base. Sem Dona Cristina e Seu Xavier todas as conquistas até aqui não seriam possível, muito menos a de ser museólogo. A minha família de modo geral, aqui representados por tia Janilda, tia Aurenice, Camila e Jamile.

As minhas irmãs que o universo me concedeu, Natian Carolina e Thaina Kilvia, que me acompanham desde que a museologia ainda era um sonho distante. Também aos meus estimados amigos Ailsom Medeiros, Alexandre Bezerra, Vinicius Augusto e Leandro Silva.

Ao meu bem-querer, Thiago Nascimento, que chegou com sua presença encantadora, seu carinho e seu amor, que foram fundamentais na reta final do curso. Além de ser uma grande inspiração enquanto pessoa, professor e pesquisador. Obrigado por ser tão incrível na minha vida, amor!

Aos colegas de curso, mas de maneira especial, a minha amiga Jéssica Vasconcelos, que me trouxe muitos momentos de risadas e alívio durante a trajetória laboriosa do curso.

À todos os meus professores, sem exceção, da educação básica à graduação, que contribuíram de diversas formas em minha formação enquanto estudante, cidadão e pesquisador. Sou grato demais por todo conhecimento trocado. Por isso, viva a educação pública, gratuita e de qualidade. Sigamos na luta para a valorização devida desses profissionais!

À minha querida e paciente orientadora, Emanuela Sousa Ribeiro, que tanto estimo e admiro. Meu foi primordial nessa jornada. Sou muito grato por todas as orientações, conversas e puxões de orelha. Um dia quero me tornar um pesquisador igual a senhora!

À todas as políticas públicas que me auxiliaram a chegar até aqui, destacando o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e seu Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, que foi essencial para a minha preparação como pesquisador.

Aos professores Bruno Araújo e Carolina Borges por todas as contribuições feitas à esta pesquisa.

À Fundação Joaquim Nabuco e ao Museu do Homem do Nordeste, em especial ao setor de museologia, pela disponibilidade e paciência com os documentos localizados em seus arquivos.

À Universidade Federal de Pernambuco e ao Departamento de Antropologia e Museologia.

À todos, o meu muito obrigado!

*... alimentar a memória dos homens requer tanto gosto, tanto estilo, tanta paixão, como rigor e método.*

*(Jacques Le Goff)*

## RESUMO

O Museu do Açúcar existiu na cidade do Recife - PE, no período de 1961 a 1978, mantido pelo Instituto do Açúcar e do Alcool, e tinha como finalidade recolher, classificar e expor os elementos sociais, artísticos e técnicos mais representativos a respeito da indústria açucareira e da civilização do açúcar. Em 1978 o museu foi incorporado pela atual Fundação Joaquim Nabuco, fundindo-se a outros museus e dando origem ao atual Museu do Homem do Nordeste. Considerando esse aspecto, a presente monografia tem como objetivo traçar e analisar a trajetória desse museu, com foco na sua história e dos seus processos de musealização, compreendendo como as coleções do museu eram apresentadas e qual era sua relação com o estado de Pernambuco. Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa documental, exploratória e descritiva com uma abordagem qualitativa, com procedimentos de inferência, descrição e interpretação dos dados elencados por meio de fontes primárias. Além disso, a revisão bibliográfica se ampara em Brulon (2018), Desvallées (2013), Mairesse (2013) e Scheiner (1998) que abordam o processo de musealização. Posteriormente, identificamos o museu como uma instituição que incentivou a consolidação de valores tradicionais quanto à civilização do açúcar, exaltando toda a estrutura colonial, casa-grande, senzala, capela, deixando de lado a indústria do açúcar e suas tecnologias. Deixando assim de contribuir de alguma forma com a valorização do patrimônio científico e tecnológico pernambucano.

**Palavras-chave:** musealização; Museu do Açúcar e do Alcool; Museu do Homem do Nordeste; civilização do açúcar; Patrimônio científico e tecnológico; Fundação Joaquim Nabuco

## **ABSTRACT**

*The Museu do Açúcar existed in the city of Recife - PE, from 1961 to 1978, maintained by the Instituto do Açúcar e do Alcool, and its purpose was to collect, classify and exhibit the most representative social, artistic and technical elements regarding the industry sugar industry and the sugar civilization. In 1978 the museum was incorporated by the current Fundação Joaquim Nabuco, merging with other museums and giving rise to the current Museu do Homem do Nordeste. Considering this aspect, this monograph aims to trace and analyze the trajectory of this museum, focusing on its history and its musealization processes, understanding how the museum's collections were presented and what was its relationship with the state of Pernambuco. From the methodological point of view, this is a documentary, exploratory and descriptive research with a qualitative approach, with inference procedures, description and interpretation of the data listed through primary sources. In addition, the bibliographic review is based on Brulon (2018), Desvallées (2013), Mairesse (2013) and Scheiner (1998) that address the musealization process. Later, we identified the museum as an institution that encouraged the consolidation of traditional values regarding the sugar civilization, exalting the entire colonial structure, main house, slave quarters, chapel, leaving aside the sugar industry and its technologies. Thus failing to contribute in any way to the appreciation of Pernambuco's scientific and technological heritage.*

**Keywords:** musealization; Museu do Açúcar e do Alcool; Museu do Homem do Nordeste; sugar civilization; scientific and technological heritage; Fundação Joaquim Nabuco

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

MUSEU DO AÇÚCAR - MA

INSTITUTO DO AÇÚCAR E DO ÁLCOOL - IAA

INSTITUTO JOAQUIM NABUCO DE PESQUISA SOCIAL - IJNPS

FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO - FUNDAJ

MUSEU DO HOMEM DO NORDESTE - MUHNE

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA - MEC

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS - IBRAM

INSTITUTO ARQUEOLÓGICO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO PERNAMBUCANO -  
IAHGP

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>1. HISTÓRIA DO MUSEU DO AÇÚCAR</b>	<b>16</b>
<b>2. IDENTIDADE E TIPOLOGIA</b>	<b>26</b>
<b>3. REPRESENTAÇÃO, CONSTRUÇÃO DA SUA IMAGEM E RELAÇÃO COM O ESTADO DE PERNAMBUCO</b>	<b>31</b>
<b>3.1 EXPOSIÇÕES PERMANENTES</b>	<b>32</b>
<b>3.2 EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS</b>	<b>34</b>
<b>3.3 ACERVO E ESTRUTURA</b>	<b>38</b>
<b>3.4 RESSONÂNCIA DO MUSEU</b>	<b>41</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>46</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>48</b>

## INTRODUÇÃO

O Museu do Açúcar (MA) foi criado no ano de 1960 a partir da resolução nº 1745 da comissão executiva do Instituto do Açúcar e Alcool (IAA), instituição pública federal instalada no estado do Rio de Janeiro. O IAA foi criado no ano de 1933 pelo decreto nº 22.789, e seu intuito na época seria de orientar, fomentar e controlar a fabricação do açúcar e álcool e seus derivados em todo o território brasileiro. A instituição teve suas atividades encerradas no ano de 1990, a partir do Decreto nº 99.240, pelo então presidente Fernando Collor (SZMRECSÁNYI; SÁ, 1976).

O intuito do museu de acordo com sua documentação era de:

(...) recolher, classificar e expor os elementos sociais, artísticos e técnicos mais representativos de agroindústria açucareira no Brasil e em outros países produtores de açúcar, e concorrer, através de estudos, pesquisas, cursos, concursos e excursões, puro conhecimento e valorização de civilização do açúcar, no passado, no presente e em suas possibilidades de progresso (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. INSTITUTO JOAQUIM NABUCO DE PESQUISA SOCIAL, 1970).

O início da trajetória do museu se deu na sede do IAA, na cidade do Rio de Janeiro. A organização e a primeira mostra do museu foram idealizadas pelo historiador Gil de Methodio Maranhão<sup>1</sup>. Um ano depois, em 1961, o museu foi transferido para o estado de Pernambuco. Foi alocado numa sede provisória no Edifício Pirapama, Avenida Conde da Boa Vista, Recife. Dois anos depois, o museu finalmente chega em sua sede permanente na data de 12 de outubro de 1963, na Avenida 17 de Agosto, bairro de Casa Forte, Recife. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. INSTITUTO JOAQUIM NABUCO DE PESQUISA SOCIAL, 1973)

Nos dezoito anos de trajetória, dentre os altos e baixos, glorificação e incerteza de sua existência, essa instituição foi referência devido ao fato de ser uma das poucas entidades no século XX com o olhar voltado para a preservação da memória do açúcar no País, assim, se faz importante estudar a sua história com ênfase nos mais variados contextos que o influenciaram durante sua existência. Segundo Maria Esther Alvarez Valente:

No que concerne aos tópicos de perspectiva histórica das instituições museológicas, as pesquisas pouco se dedicam a observar seus contextos mais amplos e, com certa constância, estão desconectadas das

---

<sup>1</sup> Historiador e intelectual pernambucano, filho do ex-membro e ex-presidente do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano (IAHGP), Methodio R. A. Maranhão. Se tornando também presidente do IAHGP posteriormente.

circunstâncias de criação, indo pouco além de uma descrição interna da instituição (VALENTE, 2014. P. 29).

Posto isto, a presente pesquisa terá como ponto de partida principal a trajetória do MA, a partir da sua fundação até um ano antes de fundir seu acervo com outros dois museus<sup>2</sup> e se tornar o atual Museu do Homem do Nordeste (MUHNE). Após a pesquisa acerca de sua trajetória, é inevitável se defrontar com o problema de pesquisa desta monografia.

A partir do momento em que se busca entender os motivos por trás das escolhas em salvaguardar e dar ênfase a uma determinada memória, nos questionamos: Qual era a relação desse museu com o Estado de Pernambuco? Qual a importância de sua coleção para o Estado? O que essa coleção representou no Estado de Pernambuco? Assim, deparamo-nos com a segunda problemática desta monografia, que é acerca da relevância social e o processo de musealização da instituição que será estudada.

Numa perspectiva museológica, é impossível pensar na história de uma instituição se não pensarmos no seu processo de musealização, pois a ação de musealizar é entendida como um ato fundamentado na “[...] aquisição, pesquisa, conservação, documentação e comunicação” (CURY, 2005, p. 26).

Ou seja, musealizar perpassa o caminho de valorização, reordenação, da aquisição e da potencialidade de algo. Portanto, a trajetória do MA fala sobre a realidade conservada e documentada por meio de ações simbólicas que valorizavam a instituição e suas coleções. Essa ação simbólica, pode ser designada como musealização (BRULON, 2018). O autor Bruno Brulon também afirma:

Percebemos o museu como o instrumento que encena a relação do homem com a realidade e que é, por sua vez, encenado neste processo; e a musealização como a ação simbólica que atua sobre a realidade mudando a ordem das coisas para produzir novos sentidos a partir das coisas – como um verbo reflexivo, a musealização permite à cultura voltar-se para si mesma, instaurando uma nova ordem cultural museológica (BRULON, 2018. P. 206).

A partir desta compreensão do conceito de musealização, que orienta o desenvolvimento desta pesquisa, definimos como objetivo geral traçar e analisar a trajetória do MA a partir de fontes primárias, tendo como cerne a história da

---

<sup>2</sup> O Museu de Arte Popular e o Museu de Antropologia, ambos administrados pelo antigo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, hoje Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ).

instituição pesquisada e os seus processos de musealização. Sendo estas fontes primárias: documentos do arquivo do Museu do Homem do Nordeste (MUHNE) e matérias do jornal Diário de Pernambuco inserido na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, com recorte cronológico de 1960 a 1978 e a palavra chave de busca “Museu do Açúcar”. Foi necessário, inicialmente, determinar a trajetória da instituição a partir de um mapeamento cronológico; posteriormente examinou-se a relação do museu e sua coleção com as atividades sociais do Estado de Pernambuco durante o século XX; e por fim, discutiu-se os processos de musealização e como as coleções da instituição eram representadas.

Os capítulos da pesquisa foram divididos em três, sendo o primeiro sobre a trajetória do museu. O segundo capítulo discute e reflete acerca de sua identidade e tipologia. O terceiro capítulo discorre sobre os processos de musealização do MA, quais suas representações, abordando a relação do museu com o Estado de Pernambuco e as atividades sociais realizadas.

Quanto aos procedimentos técnicos, foi adotada o tipo pesquisa documental, baseando-se em fontes primárias. A pesquisa documental tem como fontes os mais variados tipos, como por exemplo: jornais, documentos oficiais, entre outros; e “(...) baseia-se em materiais que não receberam ainda um tratamento analítico ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa.” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 55).

Entendemos por documento qualquer registro que possa ser usado como fonte de informação, por meio de investigação, que engloba: observação (crítica dos dados na obra); leitura (crítica da garantia, da interpretação e do valor interno da obra); reflexão (crítica do processo e do conteúdo da obra); crítica (juízo fundamentado sobre o valor do material utilizável para o trabalho científico). (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 56).

O MA existiu por dezoito anos e foi objeto de estudo em várias pesquisas. Entretanto, a presente monografia se trata de uma pesquisa inédita por se debruçar nos processos de musealização e na representação que essa instituição obteve no estado de Pernambuco.

Quanto à sua importância social, é significativo o reconhecimento dessa tipologia de acervo do museu estudado para a proteção do patrimônio cultural de ciência e tecnologia, que ainda está no âmbito de construção no estado de Pernambuco. Portanto, a realização dessa pesquisa se torna algo relevante devido à

importância que essa instituição possuiu nos anos em que foi o MA e que possui até hoje enquanto MUHNE.

## 1. HISTÓRIA DO MUSEU DO AÇÚCAR

O MA foi uma instituição que surgiu com o intuito de representar a cultura canavieira, as usinas de açúcar da região nordeste, os engenhos e suas famílias. A concepção desse museu surgiu por meio do historiador Gil Methódio Maranhão. Sua existência foi concretizada de fato no ano de 1960, a partir da resolução nº 1745 do IAA, instituição pública federal instalada no estado do Rio de Janeiro. A inauguração do museu ocorreu no dia 03 de agosto de 1960, na sede do IAA, no Rio de Janeiro, sob a presidência do Dr. Manoel Gomes Maranhão (CRÔNICA DO MUSEU DO AÇÚCAR, MUHNE, 1970).

Segundo matéria do Diário de Pernambuco, datada de 29 de agosto de 1961, já se pensava na possibilidade de existência do museu desde o final da década de 50 pelo IAA. Pensava-se também na possibilidade do museu ter sua sede no Rio de Janeiro. Mas, na reportagem fica claro que o idealizador do museu, Gil Methódio, sempre quisera instalá-lo em Pernambuco.

A idéia da fundação do Museu do Açúcar surgiu em 1957. Foi constituída, no Rio, uma Comissão Organizadora, da qual foi presidente e principal incentivador o dr. Gil Maranhão. Foi dele também um voto decisivo para que o Recife viesse a ser a sede do Museu. Nada mais justo, aliás. Porque embora o primeiro engenho de açúcar tenha sido erigido em São Paulo, mais nítida e contínua foi a influência do açúcar na vida nordestina, da qual o Recife é o centro acolhedor por excelência. Um Museu que fosse o espelho da civilização do açúcar, deveria sediar-se aqui. Foi esse o ponto de vista vitorioso, e logo deu-se início à formação do acervo (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1961).

Em uma outra matéria de 10 de maio de 1960, fica evidente que parte da sociedade pernambucana clamava pela existência do museu, pois em uma coluna intitulada "Diário Artístico", escrita por Joel Pontes, fica claro a cobrança desse museu sair do papel. A coluna também versava sobre compras de prédios para a sede do museu e um concurso para engenheiros e arquitetos projetarem como seria esta sede.

Até que enfim se desenterra a caveira de burro sob a idéia da construção do Museu de Açúcar no Recife. Alguns anos rolaram, desde que os jornais publicaram a primeira notícia a respeito. Não foram anos de inatividade, convém notar, pois duas casas, compradas pelo Instituto do Açúcar e do Alcool e mais algumas peças de acervo iniciaram o patrimônio do futuro Museu. Além disso, foi aberto um Concurso de Ante-Projetos para a construção do prédio e conseguida uma doação de grande valor: a coleção de fotografias de Francisco Rodrigues. Ponha-se também na conta o trabalho de Gil Maranhão, formando, com paciência e quase policial

procura, uma biblioteca de obras especializadas ou raras sobre o Nordeste em geral e a agro-indústria da cana, em particular. Durante alguns anos, o Museu do Açúcar não passou disso. Faltava o principal, que era o prédio, O Concurso não se resolvia e nem sei mesmo se chegou a receber os trabalhos dos concorrentes (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1960).

Uma outra matéria datada de 12 de junho de 1960, mostra que o IAA busca cumprir com essa exigência de entregar o projeto o mais rápido possível, dando como possibilidade a utilização do prédio do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (IJNPS). A matéria também cita que as peças que estão no Rio já estavam sendo preparadas para envio para Recife.

É propósito da alta administração do IAA inaugurar o Museu do Açúcar ainda este ano, pelo menos em caráter provisório. Se o primeiro pavimento ficar concluído daqui para dezembro, as peças do Museu serão imediatamente expostas. Se isso não acontecer, a exposição será feita no prédio anexo, Instituto Joaquim Nabuco, até que a construção termine. Para ultimar providências sobre a construção, esteve no Recife, durante a semana finda, o sr. Fernando Cruz Gouveia, enquanto no Rio a comissão organizadora do Museu, presidida pelo sr. Gil Maranhão, está adotando medidas indispensáveis ao funcionamento da instituição.

(...)

Numerosas peças, doadas ou adquiridas, já se encontram no Rio prontas para serem enviadas ao Recife. São mapas, livros, tapeçarias de velhos engenhos, moedas, quadros, grafias, etc., tudo se referindo ao ciclo brasileiro do açúcar e à história mundial desse produto. Um jardim será construído no Museu, somente com espécimes de plantas sacaríferas. O sr. Gomes Maranhão mantém o firme propósito de deixar inaugurada essa obra em Pernambuco, que será um marco cultural de sua administração à frente do Instituto do Açúcar e do Alcool (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1960).

Um fato curioso quanto a tudo isso é que essa inauguração do MA na sede do IAA no Rio de Janeiro, possivelmente foi uma celebração do primeiro passo de concretização de existência deste, segundo as matérias de jornais. Veremos nas próximas documentações analisadas (sendo estas documentações que estão no arquivo do MUHNE), que essa abertura aconteceu com uma possível exposição aberta para visitantes no Rio de Janeiro.

Como já citado, no ano de 1961 o museu foi transferido para Pernambuco, passando a funcionar em uma sede temporária no edifício Pirapama, na Av. Conde da Boa Vista, Recife-PE. A sua segunda inauguração aconteceu no dia 31 de janeiro de 1961. O museu ficou instalado neste edifício por quase dois anos. Porém, o espaço não era adequado para suportar a estrutura do museu. Em contrapartida, a aderência ao museu foi bastante positiva, segundo documentos (CRÔNICA DO MUSEU DO AÇÚCAR, MUHNE, 1970).

Apesar da precariedade das instalações provisórias, o Museu do Açúcar, sob a direção do Sr. Fernando da Cruz Gouvêa, teve uma afluência muito grande de visitantes. Diariamente, dezenas e até centenas de estudantes e visitantes em geral percorriam suas diversas seções. O museu do Açúcar já era uma realidade na vida cultural de Pernambuco. Mas, ele desenvolvia-se continuamente e urgia que se fizesse, o mais rápido possível, a sua transferência para a sede própria (...). (CRÔNICA DO MUSEU DO AÇÚCAR, MUHNE, 1970).

O local que foi escolhido para abrigar o museu permanentemente foi o terreno de um antigo engenho, que no século XVIII chamava-se Monteiro e deu nome à localidade. O endereço em questão seria a Avenida 17 de Agosto, bairro de Casa Forte, Recife. O prédio foi idealizado pelo arquiteto Carlos Falcão Corrêa de Lima.



Imagem do projeto da fachada do MA.

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional/ Diário de Pernambuco.

A terceira reabertura da instituição aconteceu no dia 12 de outubro de 1963, em meio às festividades do trigésimo aniversário do IAA.

O Museu do Açúcar foi definitivamente inaugurado, em Sessão solene, presidida pelo Dr. Manoel Gomes Maranhão, presidente em exercício do IAA, e pelos senhores membros da Comissão Executiva do Instituto. Nesse mesmo dia foi inaugurada a exposição permanente "o açúcar e o homem" (CRÔNICA DO MUSEU DO AÇÚCAR, MUHNE, 1970).

Quase um ano depois da terceira abertura, tem-se a chegada da primeira exposição permanente da instituição, sob o tema de "Medalhas Holandesas". Posteriormente foram executadas diversas exposições temporárias. Como por exemplo: "Titulares Pernambucanos do Império" (1965), "Engenhos do Vale do Siriji"

(1966), "Cultura e Indústria da Cana de Açúcar" (1967), "Bigodes" (1967), "Comemoração do 430º Aniversário da Cidade do Recife" (1967), "Comemoração do 80º Aniversário da Abolição da Escravatura" (1968), "Engenhos do Vale do Jaboaão (1968), "Rótulos de Aguardente" (1967), "Engenhos do Vale do Pirapama" (1969), "Folclore na Zona Canavieira" (1971) (CRÔNICA DO MUSEU DO AÇÚCAR, MUHNE, 1970).

A sede oficial do museu no bairro de Casa Forte tinha como configuração espacial um edifício recém-construído, de dois andares: o térreo era local onde ficava montada a exposição permanente e no primeiro andar da instituição estavam localizados o setor administrativo e biblioteca. Os jardins foram planejados pelo agrônomo Dárdano de Andrade Lima. Aloísio Magalhães, foi responsável por pensar nos monumentos para esse espaço, fazendo com que a instituição trouxesse duas pedras-mó<sup>3</sup>, sendo uma do Engenho Vila Rainha, Rio de Janeiro e outra do Engenho Camaragibe, Pernambuco (ARAÚJO, 2014). Quanto ao acervo da instituição, a autora Araújo afirma:

O Museu do Açúcar possuía um acervo representativo da cultura canavieira e da história das famílias dos engenhos e usinas de açúcar da Região Nordeste: maquetes de usinas, de aparelhos de moagem da cana-de-açúcar, selos, cristais, açucareiros antigos, colheres, cerâmica popular, moedas, quadros, instrumentos de suplício, fotografias, rótulos de cachaça, e uma "rara coleção" de moedas holandesas 1630-1654, tudo adquirido através de doações e compra. Contava, ainda, com uma Biblioteca com cerca de 6.000 títulos, entre, livros, folhetos e periódicos (ARAÚJO, 2014. p. 45).

A partir do documento "Respostas do questionário da Enciclopédia Delta Larousse, 1973" pode-se ter uma noção maior acerca das instalações físicas do museu. Nesse documento em questão é relatado que o museu possuía três grandes salões para exposições, sendo estas temporárias e permanentes. Possuía também um auditório voltado para dar apoio às exposições, conferências, debates e cursos. Sobre o acervo, é relatado neste mesmo documento que este foi formado por meio de doações e compras de objetos técnicos ou históricos relacionados ao açúcar. Sobre a finalidade da instituição, esse mesmo documento afirma:

A finalidade do Museu é recolher, classificar e expôr os elementos sociais, artísticos e técnicos mais representativos de agroindústria açucareira no

---

<sup>3</sup> Moinho de pedra onde a moagem é realizada através da alta fricção entre os grãos.

Brasil e em outros países produtores de açúcar, e concorrer, através de estudos, pesquisas, cursos, concursos e excursões, para o conhecimento e valorização da civilização do açúcar, no passado, no presente e em suas possibilidades de progresso (“RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO DA ENCICLOPÉDIA DELTA LAROUSSE, MUHNE, 1973).

Sobre as coleções, o mesmo documento afirma:

Suas coleções são constituídas de: modelos reduzidos de diversos aparelhos empregados na moagem da cana; peças e utensílios da agroindústria açucareira; instrumentos de suplício de escravos; quadros; açucareiros antigos, colheres e serviços de prata e porcelana; cristais; louça brasonada pertencente a Titulares do Império, ligados à agroindústria canavieira; cerâmica popular; peças de folclore canavieiro; moedas particulares de usinas; selos com motivos açucareiros; medalhas diversas, inclusive rara coleção de medalhas holandesas comemorativas das guerras no Brasil (1630-1654); rendas e bicos de almofada etc. (“RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO DA ENCICLOPÉDIA DELTA LAROUSSE, MUHNE, 1973).

Além disso, é informado o serviço de documentação que o museu possuía: a biblioteca com 6.000 mil volumes distribuídos em livros, folhetos e periódicos, uma sessão de obras raras de livros que vão de 1619 a 1850 e, além destes, também tinha mapoteca, seção de iconografia com 15.000 mil fotos, fonoteca e filmoteca (“RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO DA ENCICLOPÉDIA DELTA LAROUSSE”, MUHNE, 1973).

As documentações do MUHNE apresentam o histórico da instituição de uma forma bastante linear. Abordando desde as comemorações das datas oficiais do calendário cívico (o que dialoga com o contexto da década de 1960 com o iminente golpe militar e a ditadura que perdurou pelos anos de existência do museu), ressaltando a importância do museu, contando sua história e relatando como a sociedade pernambucana estava sendo bastante otimista quanto à sua existência.

Os próximos documentos a serem abordados tocam muito na importância do Gilberto Freyre para a instituição. Até então, o sociólogo era bastante citado como um grande apoiador da instituição, com obras referidas ou trabalhadas, e até mesmo tendo suas ideias e teorias vigorando nas exposições. Porém, de 1973 adiante sua influência será direta devido ao seu interesse em agregar o MA ao IJNPS.

A partir de documentações do ano de 1973, já é percebido a vontade por parte do IJNPS de adquirir a administração do museu. Gilberto Freyre chega a enviar uma carta datada do dia 05 de julho de 1973 para o presidente do IAA, o General Álvaro Tavares Carmo. Em um trecho da carta, Freyre afirma o seguinte:

A certeza do quanto seria conveniente a ligação do Museu do Açúcar a este Instituto, encontra base profunda na atual fase de expansão por que passa esta casa, cada vez mais empenhada em somar ao sentido cultural de sua atividade, aquele que contempla a necessidade, não menos nobre, de enriquecer a engenharia social deste país, pelo contributo da pesquisa social, reconhecida, já agora, como etapa vestibular imprescindível ao planejamento e execução das tarefas de governo, especialmente em regiões tropicais recentemente conquistadas para o desenvolvimento. Em tais áreas, a ausência de cometimentos anteriores, obstando a adoção repetitiva de processos, destaque ainda mais notável à pesquisa. Por outro lado, o açúcar, que pela sua posição vital no quadro da economia da região mereceu que a seu respeito fosse criado um museu, tem sido estudado, em seus múltiplos aspectos, pela equipe técnica deste Instituto, sendo este mais um motivo de reforço à nossa ideia comum. (CARTA DE FREYRE PARA O PRESIDENTE DO IAA, 1973).

A concretização dessa incorporação do MA ao IJNPS só veio a acontecer quatro anos depois, no ano de 1977, por meio da lei nº 6456, de 26 de outubro, que afirmava, em seu Art. 1º “Fica transferido para o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, autarquia vinculada ao Ministério da Educação e Cultura, o Museu do Açúcar, integrante do instituto do Açúcar e do Álcool, autarquia do Ministério da Indústria e do Comércio, com todo seu acervo e patrimônio, inclusive o imóvel em que está localizado.” (DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, MUHNE, 1977).

O período dessa incorporação foi bastante controverso. Houve apoiadores e não apoiadores. No arquivo do MUHNE foram localizados recortes de jornais desse período. A matéria a seguir foi publicada no Jornal do Brasil (Rio de Janeiro), em setembro de 1975, dois anos antes da incorporação. O título da matéria é "Intelectuais pernambucanos temem pela incorporação do Museu do Açúcar ao IJNPS". Um dos trechos da matéria afirma o seguinte:

Recife - Intelectuais pernambucanos enviaram memorial ao Ministro da Indústria e do Comércio, Sr Severo Gomes, contra a incorporação do Museu do Açúcar ao Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (IJNPS). Se isso ocorrer, dizem, ele pode "desaparecer como instituição social". O Museu é o único do gênero no Brasil (existe um similar na Alemanha) e teve suas verbas cortadas pela administração do IAA. Fundada em 1961, a entidade tem sede própria há 10 anos. Era mantida sem problemas pelo Instituto do Açúcar e do Álcool, até que a atual administração resolveu excluí-la do seu organograma, por achar que o Museu só dava despesa. Os intelectuais admitem que o MEC não destina verbas suficientes para seus próprios museus: "Seria melhor incorporar o do Açúcar ao Planalçúcar" acrescentam (JORNAL DO BRASIL, 1975).

Já uma outra matéria publicada pelo jornal Diário de Pernambuco, também no ano de 1975 com o título "Indústria elogia medida de incorporar o Museu do Açúcar ao acervo do IJNPS", é publicado um trecho do telegrama enviado pelo industrial Rui

Carneiro da Cunha ao ministro da Indústria e Comércio, Severo Gomes. Ele afirma o seguinte:

"Parabenizamos Vossa Excelência pela incorporação do Museu do Açúcar ao Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, ato que supera os limites do meramente administrativo porque atinge um território cultural muito caro a Pernambuco. Sob a orientação do mestre Gilberto Freyre o Museu continuará sendo uma força viva documental da tradição agro industrial açucareira pernambucana" (...) "A incorporação do Museu do Açúcar ao Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais é um ato que sensibiliza a inteligência pernambucana porque passa para Gilberto Freyre, mestre já clássico da interpretação da cultura do açúcar no Nordeste, a orientação de um acervo que é a síntese cultural de um povo" (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1975).

A situação do MA antes de passar a administração para o IJNPS já estava delicada. O museu vinha passando por uma crise por conta da falta de verba que já não estava sendo enviada pelo IAA desde antes. Um outro recorte do Jornal da Manhã (São Paulo) de 16 de junho de 1976, localizado no arquivo do MUHNE, traz a matéria "Museu do Açúcar em má situação". A matéria afirma o seguinte:

RECIFE (FT) - O Museu do Açúcar está praticamente fechado para o público, por dificuldades de ordem econômica e administrativa, apresentando apenas duas antigas e permanentes exposições: "O Açúcar e O Homem" e "A História e a Crença". Poderá ser incorporado ao Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, embora o sociólogo-antropólogo Gilberto Freyre nada queira adiantar a esse respeito. Fontes do Instituto do Açúcar e do Alcool afirmam que a autarquia está disposta a passar a responsabilidade do museu para o IJNPS esperando apenas autorização da Presidência da República para dar andamento às negociações. O Museu do Açúcar teve seu tempo áureo na presidência do sr. Luis da Rosa Oiticica, que assumiu o cargo em 1965, afastando-se em plena atividade, recebendo várias doações, promovendo cursos e exposições sobre os mais variados temas (JORNAL DA MANHÃ, 1976).

Um outro recorte do jornal Diário de Pernambuco publicado em 25 de março de 1977 afirma que a situação se agrava mais ainda, chegando ao ponto do diretor da época, o artista e museólogo Luiz Fontoura<sup>4</sup>, renunciar a sua direção diante da

---

<sup>4</sup> O Luiz Fontoura foi uma figura bastante presente em quase todo tempo de existência do MA. Nesta matéria de jornal citada no texto, chama atenção o fato de Luiz Fontoura ser tratado como museólogo. Fomos em busca de algum registro no Conselho Regional de Museologia da região 1 e 2 e ambas instituições não localizaram registro. Ocorre que muitos profissionais se identificavam como museólogos, antes da regulamentação, a partir de diferentes percursos formativos. É necessário considerar que trata-se de uma reportagem de 1977. Ou seja, neste período a profissão de museólogo não era regulamentada no Brasil. A regulamentação só ocorreu em 1984, pela Lei 7.287/1984. Logo, qualquer profissional que trabalhasse em museus neste período poderia ser chamado de "museólogo" mesmo sem ter frequentado o Curso de Museus ou possuir formação em Museologia. Assim é possível que Luiz Fontoura esteja sendo chamado de "museólogo" nesta

grande crise enfrentada pela instituição. “Problema atinge setores econômicos, políticos e culturais, afetando mais diretamente o Centro de Estudos e Pesquisas do Museu, (...) com repercussão no Brasil inteiro.” (DIRETOR RENÚNCIA E MUSEU ENFRENTA CRISE, MUHNE).

Logo após a incorporação do MA ao IJNPS, devido a situação financeira precária, a primeira atitude do IJNPS foi de fechar o museu temporariamente para angariar verba com o Ministério da Educação e Cultura (MEC), autarquia vinculada ao IJNPS, para ser feita uma reforma. A data de fechamento foi em 27 de dezembro de 1977 e sua reabertura após a reforma foi em 15 de março de 1978 (MUSEU DO AÇÚCAR HISTÓRICO, MUHNE, 1978).

O Museu do Açúcar, incorporado recentemente ao patrimônio do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, reabrirá suas portas ao público no dia 15 deste mês, com exposições sobre a “Cultura e Indústria da Cana-de-Açúcar” e “O Açúcar e o Homem”. Criado em 1960 e funcionando desde 1963 na av. 17 de Agosto nº 2223, Casa Forte, o Museu é o único do mundo no gênero, devendo servir de modelo para os que serão instalados na Austrália e na Colômbia (ARQUIVO MUHNE).

No ano de 1978, a partir da Portaria nº 038 de 22 de fevereiro, por meio do presidente do IJNPS, Fernando de Mello Freyre, decidiu-se que o prédio que abrigava o museu seria oficialmente denominado GIL MARANHÃO, “em homenagem aquele que foi um dos principais, ou o principal, artífice da fundação do Museu do Açúcar, um permanente e abnegado incentivador das suas atividades expressivamente culturais” (ARQUIVO MUHNE).

Com a nova administração, o museu reafirmava seu propósito de recolher, classificar e expor todos os elementos que representavam essa indústria açucareira abordada em seu acervo. A instituição também continuou promovendo pesquisas, estudos, cursos, excursões e concursos para valorizar todo o conhecimento gerado sobre o passado e o presente da civilização do açúcar nacional e internacional (ARQUIVO MUHNE).

Em um documento localizado no arquivo do MUHNE, do ano de 1978, intitulado “Histórico”, é feito um levantamento sobre o quantitativo de pessoas que visitaram o museu. Esse levantamento foi feito de 1961 até 1976. O documento afirma o seguinte:

---

matéria apenas pelo fato de trabalhar no museu, desconsiderando a perspectiva de formação em Museologia ou no Curso de Museus.

Desde 1961, milhares de pessoas, entre as quais algumas ilustres, vêm visitando o Museu. Naquele ano, o Museu recebeu 3.038 visitantes; no ano seguinte, 1.748; em 1963, 3.483 (no período de maio até outubro, foram desmontadas as exposições do Pirapama e transferido todo o material para a sede própria); em 1964 o número de visitantes chegou a 17.177; em 1965, 9.226; 1966, 10.261; em 1967, 14.221; em 1968, 19.703; em 1969, 19.329; em 1970, 16.888; em 1971, 16.134; em 1972, 35.200; em 1973, 29.250; em 1974, 23.161; em 1975, caiu para 8.613 (a visitação escolar guiada diminuiu vertiginosamente tendo em vista a paralisação por motivos mecânicos do ônibus do Museu em setembro de 1974); e em 1976 apenas 7.853 pessoas visitaram o Museu.(HISTÓRICO, MUHNE, 1978 ).

Quase um ano após a reabertura do MA, é acertada pela presidência do IJNPS, na época ainda administrada pelo Fernando de Mello Freyre, a junção dos acervos dos seus três museus (Museu de Arte Popular, Museu de antropologia e Museu do Açúcar) para a criação de um único, denominado de Museu do Homem do Nordeste (ARAUJO, 2014). Segundo Silvana de Araújo:

O Museu do Homem do Nordeste-Muhne nasce dentro deste conceito de museu regionalista e da determinação de Freyre em pesquisar esse homem do Nordeste brasileiro em todas as suas formas de representação: através da religião, habitação, alimentação, brincadeiras, arte, pensamento, criações, vícios. Com um rico acervo, cerca de 12.000 peças, diversificado em tipologia (cestaria, tecido, cerâmica, madeira, flandre, entre outros), o Museu descortina esse homem nordestino da casa grande à senzala, do urbano ao rural, do popular ao “erudito”, do mar ao sertão, da opulência das elites açucareiras da Região aos sem-terra, de negros, brancos e de todas as etnias que compuseram e compõem a diversidade de cores e culturas do Nordeste brasileiro(ARAUJO, 2014. p. 52).

Gilberto Freyre fala da reunião dos três museus do IJNPS, “analisando que o Museu do Açúcar cumpriu seu papel de laboratório para estudos de Sociologia do Açúcar, tendo sido um museu mais histórico-social que antropológico ou etnográfico” (ARAUJO, 2014. p. 52).

Diante disto, é importante aqui destacar que o pensamento freyriano estava incutido no museu muito antes de seu interesse com o MA. Isso fica muito claro no desejo da sociedade pernambucana em querer concretizar a existência do museu, disputando sua própria representação. O açúcar que ganha destaque dentro do MA é o açúcar da elite, do senhor de engenho, da sociedade tradicionalista e conservadora. Tudo o que está arraigado no pensamento de Freyre. O autor Thiago Enes afirma que:

O resultado transparece na perspectiva modernizante, conjugada com o mandonismo do senhor de engenho. Seu traço conservador, quase reacionário, reside, sobretudo, na centralidade da figura patriarcal nordestina,

uma espécie de amálgama do tecido social que se configurou no Brasil. Ainda que não lhes escondam os vícios, as mazelas morais e a violência – estes senhores mandavam nas terras, nos engenhos e nos homens com a mesma ferocidade – Gilberto Freyre parece perceber nesses potentados, até mesmo por sua brutalidade, um fator fundamental para a implantação de um novo e primordial processo civilizador no Brasil. Não poupa palavras cruéis para descrever os horrores e crueldades típicos do regime de servidão. Afirma, em contrapartida, que esta estrutura escravocrata poderia apresentar certas características tanto mais positivas do que a empresa capitalista. Seu trabalho de mestrado defendido nos Estados Unidos aponta para essa questão ao analisar as condições de vida dos escravizados no Brasil que, pretensamente, seriam melhores do que as do operário europeu no período correspondente. (ENES, 2020, p.263).

Toda essa perspectiva freyriana estava muito forte em todos os aspectos representativos do MA. Sendo estes aspectos defendido pelos dispositivos que também representavam esta "sociedade pernambucana", como por exemplo, o jornal Diário de Pernambuco e intelectuais da época, que serão citados mostrando a força desse discurso nas próximas páginas.

## 2. IDENTIDADE E TIPOLOGIA

No geral, os museus se constituem em torno de suas coleções. Essas coleções reúnem bens culturais, que por meio de seleção e preservação visam a criação de símbolos e a construção de uma narrativa. Esta narrativa surge com a finalidade de ser exposta e informar o público sobre o teor de sua coleção. Esta seleção e preservação sobre determinados tipos de bens culturais é o que vai destacar o museu como pertencente a uma determinada categoria ou tipologia. Ou seja, entende-se por tipologia de museu os tipos de bens culturais que constituem sua coleção, assim caracterizando-o.

No entanto, é necessário entender que a instituição museu se constitui e se organiza no cerne da sociedade. Logo, esta precisa ser entendida de acordo com os seus ideais. Assim, o termo "tipologia de museu" é uma classificação social, que pode mudar ao longo do tempo ou de acordo com o observador (aquele que está classificando).

Levando em conta tudo isto, é importante ressaltar quais são as tipologias de museus que vigoram. Para esta pesquisa foi escolhido o documento produzido pela autarquia Instituto Brasileiros de Museus (IBRAM), intitulado "Museus em Números: Volume 1", publicado em 2011. Neste documento que tem como intuito fazer um levantamento com diversas informações dos museus brasileiros por meio do Cadastro Nacional de Museus (CNM), consta a existência das seguintes tipologias de museus: Antropologia e Etnografia; Arqueologia; Artes Visuais; Ciências Naturais e História Natural; Ciência e Tecnologia; História; Imagem e Som; Virtual; Biblioteconômico; Documental e Arquivístico.

Após esta reflexão acerca de tipologia de museu, e de traçar a trajetória cronológica do MA, dois apontamentos se fazem importantes: sobre a tipologia e a identidade do Museu. A partir das documentações analisadas no capítulo anterior, a definição quanto a sua tipologia não fica clara por parte da própria instituição. O que fica evidente é quanto ao seu objetivo, que evidencia o seu interesse em tratar dos mais variados instrumentos voltados para a agroindústria açucareira, por meio de estudos, pesquisa, entre outros.

Entende-se que diante deste objetivo posto pela instituição, segundo o documento "Resposta do questionário da Enciclopédia Delta Larousse" de 1973, esta pesquisa o classificaria como um museu que tinha como foco a salvaguarda de

patrimônio de tipologia Científico e Tecnológico. Uma parte do documento citado versa o seguinte ponto:

A finalidade do museu é recolher, classificar e expor os elementos sociais, artísticos e técnicos mais representativos da agroindústria açucareira (...) através de estudos, pesquisas, cursos, concursos e excursões, para o conhecimento e valorização da civilização do açúcar, no passado, no presente e em suas possibilidades de progresso (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. INSTITUTO JOAQUIM NABUCO DE PESQUISA SOCIAL, 1970)

Essa finalidade citada configura o tipo de patrimônio que é caracterizado por toda a herança material e imaterial relacionada ao conhecimento científico e tecnológico produzido pela humanidade. A partir da “Carta do Patrimônio Cultural de Ciência e Tecnologia: produção e desdobramentos”, fica claro essa associação devido a seguinte definição:

São objetos de significação cultural da ciência e da tecnologia as coleções científicas de todas as áreas do conhecimento (Saúde, Humanidades, Engenharias, Ciências Exatas, Biológicas, Linguagens Artísticas, Comunicação e Informação, etc.), instrumentos científicos de todos os tipos, máquinas e montagens, cadernos de laboratório, cadernos de campo, livros, fotografias, entre outros tipos de documentos, públicos e privados, relacionados aos processos de construção do conhecimento científico e tecnológico (ARAÚJO, RIBEIRO E GRANATO, 2017. P. 17).

No entanto, também é evidente ao longo dos anos de sua existência um caráter da tipologia histórica tradicional. Se faz significativo salientar que de alguma forma “(...) todos os museus são históricos, é claro. Dito de outra forma, o museu tanto pode operar as dimensões de espaço como de tempo. No entanto, o tempo jamais poderá escapar, ao menos na sua ação característica, a exposição” (MENESES, 1995).

Porém, essa tipologia vai prevalecendo na maior parte do tempo de existência no museu. Isso fica bastante explícito no teor do acervo da instituição quanto nas exposições, por exemplo. Para elucidar o que foi citado, uma matéria de 26 de Janeiro de 1961 do jornal Diário de Pernambuco, localizada na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, discorre sobre a instalação do MA e da sua primeira

exposição (a matéria não dá muitos detalhes desta, como por exemplo nome e se é permanente ou de curta duração) na sua sede temporária no Edifício Pirapama.

A mostra constará de: Tapeçaria tipo Gobelinho, representando motivos rurais pernambucanos do século XVII - Composição à base de desenhos de Albert Eeckhout: Colheita do Mel - Iconografia: Mó vertical - Iconografia e Modelo: Gangorra - Modelo e iconografia: Moendas de dois cilindro horizontais - iconografia e modelo e água e trapiche: Moendas de três cilindros verticais - iconografia e modelos de tração hidráulica e trapiche; Livros holandeses; indústria açucareira nas Antilhas, segundo Labat e Ligon; Cultura e opulência do Brasil na lavra do Açúcar - Antonil, acrescido de ilustrações de Hamilton Fernande; Gilberto Freyre: História da sociedade patriarcal no Brasil; quadro de Cicero Dias; Molécula de sacarose e diversas formas de açúcar e subprodutos de cana (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1961).

É evidente que, segundo a matéria, a exposição trata os objetos musealizados de forma apartada da sua realidade funcional e os eleva à categoria de objetos que representam um grupo social específico, predominante no MA. Além de não utilizar de criticidade, diante da curadoria desse amontoado de peças, impondo uma narrativa única sem considerar outros pontos ou outras perspectivas.

Acerca dessa tipologia de museu citada, Tereza Scheiner evidência o que foi tratado sobre essa tipologia e o MA ao afirmar o seguinte:

(...) o museu tradicional ortodoxo, estabelecido como marco cultural a partir do final do séc. XVIII e onde (aparentemente) não há lugar para a surpresa, a dor, o riso, a paixão - para nenhum sentimento que perturbe a ordem virtuosa das coisas, os espaços rigorosamente alinhados, os objetos classificados e apresentados em respeitosa simetria, e portanto falsamente apolíneo, como falsamente apolíneo e o homem moderno. Mostrando ao mundo apenas sua face instituída, esse museu encerra em seus limites uma potência que jamais o abandona e que o aproxima de outras expressões menos reconhecidas do fenômeno Museu (...) (SCHEINER, 1998, p.80).

O segundo apontamento é sobre a identidade do museu. Segundo a Carta de Veneza de 1964, “um monumento é inseparável da história de que é testemunho e do meio em que está inserido”. Ou seja, a cultura, monumento, patrimônio, museu ou bem cultural precisa ter conexão histórica e social com um povo. Logo, a identidade é um fator de base para a construção de representação ou pertencimento do sujeito. Junto a isso, o papel social do museu de prestar serviço à sociedade, de ser um instrumento de comunicação e consciência crítica, e deve auxiliar na aproximação da instituição aos visitantes.

Discutindo sobre museus e identidade, o historiador Ulpiano Meneses discorre sobre a existência de uma tipologia sumária que "(...) podem-se distinguir três níveis principais de amplitude na atuação dos museus: o universal, o nacional e o local/regional" (MENESES, P. 213). O último nível é o ponto mais importante para a discussão deste subitem. Pois, Meneses afirma o seguinte:

O museu local/regional seria aquele em que os processos de identidade encontrariam o espaço mais aceitável de expansão. (...) Não há, em nossa sociedade, realidade regional/local que seja homogênea e estática. Daí o perigo de tais museus exercerem papéis compensatórios de refúgio para simbolicamente "recuperarem" uma unidade perdida ou (o que é pior) de espelhos em que narcisisticamente se procure a devolução da imagem que já tinha sido atribuída a si próprio - e que agora retoma sedutora, pronta a se transformar num termômetro com o qual se mede (etnocêntrica) toda a realidade. (MENESES, 1993. p. 214)

A partir da conexão entre identidade, museu e a teoria do museu de nível local/regional de Meneses, se faz evidente uma problemática acerca da concepção e existência do MA. Esta instituição citada foi concebida e teve seu decreto assinado na cidade do Rio de Janeiro. Logo, o MA não possui nenhum vínculo com o território onde sua sede oficial foi estabelecida, que é em Recife. Logo, ela poderia ser pensada para existir em qualquer outra cidade.

Além disso, outro fator chama a atenção, o de ser um museu que discute e reflete sobre a indústria e civilização do açúcar pensado em uma cidade do sudeste, que possui um processo histórico do açúcar totalmente distinto onde é a sede do museu, no caso, no nordeste. Fator este, que contribui com a visão da tipologia de museu ortodoxo histórico, afastando a possibilidade de uma conexão com o território, dando ênfase apenas aos objetos.

Por fim, o conceito de nível local/regional de Meneses caiu como uma luva ao MA. Posteriormente às análises das documentações e fontes primárias deste museu, fica bastante evidente a iniciativa de dar importância e reconhecimento a uma "civilização do açúcar" considerada funcional, adequada e, até mesmo, ideal, para a época. Dando espaço a toda estrutura sem nenhum posicionamento crítico, apenas vangloriando todo o sistema dessa estrutura de outra época e outro contexto. É neste ponto que Meneses está sendo assertivo ao afirmar que este

museu possui uma falha quando tenta recuperar essa civilização com seus valores retrógrados. Esse certamente foi o problema que o MA sustentou em sua identidade, tipologia, narrativas e exposições.

### **3. REPRESENTAÇÃO, CONSTRUÇÃO DA SUA IMAGEM E RELAÇÃO COM O ESTADO DE PERNAMBUCO**

A palavra patrimônio quando pensada, imediatamente alude a ideia de herança, legado, posses, ou seja, algo de extrema relevância. E de fato, essa palavra tem grande destaque e impacto na história da humanidade. Toda história possui o processo de lembrança e esquecimento que sempre resulta em poder. Poder esse, que sempre vai recair de forma violenta e desumana na parte da história que é esquecida.

Assim, todo espaço reservado à salvaguarda da memória possui um caráter disciplinador, visando o mecanismo de controle social. Levando em consideração o conceito de “lugares de memória” de Pierre Nora, fica evidente esse intuito, pois, estes espaços “nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais” (NORA, 1993, p.13).

A manutenção desses espaços é de extrema importância para essa narrativa oficial supracitada. Essa narrativa reforça a necessidade de afirmar esse poder para a partir disso orientar os cidadãos e criar representações. Logo, se forja a necessidade de fazer com que esses espaços reservados à memória, ao patrimônio, crie um pertencimento comum, um grau de consenso dos integrantes que “funcionam como documento das versões oficiais (...) visando a legitimar o poder atual; a conservação desses bens – onerosa, complexa e frequentemente contrária a outros interesses públicos e privados – é justificada por seu alcance pedagógico, a serviço da instrução dos cidadãos” (FONSECA, 1997, pp.59-60).

Levando em consideração tudo que foi exposto até aqui, trazendo essa lógica para a memória que o MA busca retratar, nota-se que a instituição em questão também está inserido nesta lógica da memória/patrimônio a serviço da sociedade, pois percebe-se que ela nada mais é que um reflexo de todo um pensamento colonial que ainda vigora enquanto a instituição existe. Por pensamento colonial, colonialidade, pode-se afirmar que é:

(...) um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial de poder capitalista. Se funda na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do dito padrão de poder e opera em cada um dos planos, âmbitos e dimensões materiais e subjetivas,

da existência social cotidiana e da escala social. Origina-se e mundializa-se a partir da América (QUIJANO, 2000, p. 342)

Com isso, nota-se que os patrimônios salvaguardados pelo MA não retratam o povo, pelo contrário, fazem-no de refém. A partir do levantamento das fontes primárias, as matérias de jornais que serão utilizadas no próximo subitem, é notório todo esse processo de afirmação de uma narrativa que visava criar representações que legitimam seu poder enquanto instituição museológica e legitimaram o protagonismo do grupo social ali representado - a elite pernambucana.

Para análise e entendimento dessa representação será necessário dividir esse capítulo em categorias. A fim de melhor explicitar nosso argumento. São elas: exposições permanentes, exposições temporárias, acervo e estrutura, e ressonância do museu.

### 3.1 EXPOSIÇÕES PERMANENTES

Ao longo da investigação das fontes, foi possível chegar a duas exposições permanentes, sendo elas: “O açúcar e o Homem” de 1960 e “Medalhas Holandesas” de 1964. A primeira exposição permanente do Museu do Açúcar se deu no contexto de sua terceira inauguração e já em sua sede fixa, no ano de 1963. Essa exposição foi idealizada pelo designer gráfico e pintor Aloísio Magalhães e constava de 40 stands. Em matéria do Diário de Pernambuco foram detalhadas algumas peças que constavam nessa exposição.

Terno de pífano - Conjunto de instrumentos da orquestra de engenho. O material exposto pertenceu ao <Esquentamulher> de mestre Chico Cotó, de Bebedouro, Maceió, Alagoas, grupo que esteve há anos em Recife, exibindo-se no Rádio Clube de Pernambuco e que inspirou o frêvo <Esquentamulher> de Nelson Ferreira.

Arreio - Carreio ajaezado de prata lavrada. com armas da República, usado nas cavalcadas alagoanas e constante das seguintes peças: cabeçada. sela inglesa, estribos, peitoral, rabicho, espóira, punhal, lança e casquete de pano.

Boi - Boi de um reisado alagoano.

Chapéu de Matheus - Chapéu do vaqueiro encarregado do boi, aijofrado e espelhado. usado no reisado alagoano.

Vestimenta e pertences de carteiro - Chapéu e peitoral de couro lavrados. ainda em uso em engenhos da fronteira norte de Pernambuco, hoje próprios dos vaqueiros.

Pertences de casaco - Pertences de cassaco (trabalhador de engenho): tipóia (trêde de dormir) espingarda e demais apetrechos de caça, cabaço para água.

Conjunto de suplícios de escravos - Composto de peças de ferro: gargalheira, vira-mundo, correntes, troncos para mãos e pés.

Almofada de renda - Com 32 bilros antigos de madeira de lei, copa e peça de renda em confecção.

<Várzea Pernambucana> - Quadro a óleo de Di Cavalcanti.

<Engenho de Rapadura> - Quadro a óleo de Djanira.

<Usina> - Quadro a óleo de Cícero Dias.

<Verde canavial> - Quadro a óleo de Aloísio Magalhães.

O cambiteiro - Quadro a óleo de Vicente do Rego Monteiro.  
(DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1963).

O que chama atenção nessa primeira exposição é como ela possui uma grande representação da arte popular. Sendo esta a primeira exposição fixa feita na sede permanente do museu, é bastante curioso o museu não ter tratado sobre nada sobre a indústria do açúcar. Aliás, a partir desta exposição é possível até supor que o MA perderá essa pauta industrial, por desde o princípio retratar a civilização do açúcar.

A outra exposição permanente trata sobre “Medalhas Holandesas” e existe uma questão a ser tratada sobre esta. Na documentação "Crônicas do Museu do Açúcar", localizada no arquivo do MUHNE, esta é tratada como uma exposição permanente. Na pesquisa da Hemeroteca da Biblioteca Nacional foram localizadas duas matérias que tratam dessa exposição: uma de 1964 e outra de 1966. Na primeira a exposição em questão é referida como temporária, já na segunda ela é como permanente. Ao que tudo indica, provavelmente foi decidido pelo museu a sua permanência posteriormente.

A exposição em questão foi organizada pelo professor José Antônio Gonçalves de Mello. As peças, segundo a matéria de 1964, foram doadas pelo industrial paulistano José Ferraz de Camargo. Segundo as palavras do organizador: “a presente exposição (...) foi preparada, integrando-se as medalhas no contexto histórico de que elas são uma das manifestações; a cada uma delas procura-se associar livros e gravuras relacionadas com o episódio comemorado” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1964).

Visitantes da capital e de vários Estados entraram em contato com a coleção de medalhas, atestando grande interesse pela nossa História. As personagens (e episódios) que as medalhas evocam são aqueles que se notabilizaram na Guerra Holandesa, ou Guerra do Açúcar. O almirante (ou pirata) Piet Heyn, cujo grande feito, o apresamento da famosa frota de prata, foi a causa da invasão dos holandeses em Pernambuco; (...) Entre a documentação e obras raras editadas no tempo dos holandeses, figura o conhecido livro de Gaspar Barlseus “Rerum per Octenium” no qual são narradas as façanhas de Maurício de Nassau no Brasil e na África (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1964).

Diante dessas informações, é possível fazer um paralelo sobre ambas as exposições e analisá-las. É perceptível o intuito do museu de contar a história do açúcar através da ótica da elite, homens brancos e colonizadores. Ao perceber os itens da primeira exposição é notável a presença forte masculina por meio das vestimentas e das armas e munições utilizadas por estes. Quanto à representação dos povos africanos, foram utilizados instrumentos de suplício, citando como normalmente era de praxe, a participação desse povo apenas na sua condição de humilhação e subserviência.

Na segunda exposição, temos mais uma narrativa explicando a conquista do açúcar pelas mãos de colonizadores europeus, enaltecendo seus feitos sem nenhuma criticidade das atrocidades acometidas por esses invasores e vangloriando-os por meio de honrarias. Além disso, torna-se evidente que o museu torna-se um espaço de divulgação dessa elite, quando um industrial paulistano rico doa peças para compor exposição do museu, mesmo que fuja do objetivo em ser um museu que deveria focar no patrimônio industrial de uma perspectiva mais científica e tecnológica.

### **3.2 EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS**

A partir da documentação "Crônicas do Museu do Açúcar", localizada no arquivo do MUHNE, foi possível mapear um total de 10 exposições temporárias. No entanto, só foram localizadas mais informações na Hemeroteca sobre 5 exposições. São elas: "Titulares Pernambucanos do Império" de 1965, "Engenhos do Vale do Siriji" de 1966, "Bigodes" de 1967, "Rótulos de Aguardente" de 1967 e "Engenhos do Vale Pirapama" de 1969.

Seguindo a ordem cronológica, a exposição "Titulares Pernambucanos do Império", segundo matéria do Diário de Pernambuco, recorre a fotografias originais, ampliações dos titulares do império e pertences da nobreza pernambucana da época. A exposição teve auxílio do artista e museólogo Luiz Roberto Fontoura, responsável pelo departamento de Desenho e Montagem de Exposição do museu.

A exposição apresentada o devido equilíbrio estético e técnico, pois apesar de sua simplicidade há um toque de austeridade e riqueza. Para melhor explicação quanto à execução dessa mostra que vem enriquecer a cultura dos recifenses, achamos por bem conversar com o artista Luiz Roberto Fontoura, responsável pela Secção de Desenho e Montagem de Exposição do Museu do Açúcar(DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1965).

A exposição seguinte, “Engenhos do Vale do Siriji”, contou com sua inauguração no dia 20 de janeiro de 1967. A matéria do jornal relata que sua abertura contou com o então presidente do IAA, Motta Maia, importantes pessoas do âmbito artístico e intelectual. O diretor do museu na época, Luis da Rosa Oiticica, concedeu entrevista ao jornal, afirmando que "objetos de grande valor, pertencentes a tradicionais engenhos do Estado, sobretudo do Vale Siriji, compõem a mostra" (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1967).

A mostra contava com objetos de vários engenhos. A matéria traz um total de 16 engenhos. Segue alguns citados:

ACERTO, cujo proprietário, sr. Aluísio de Andrade Lima, emprestou uma <terrina> de porcelana inglesa, decorada em alto relêvo com ramos de flores de côr branca, e um <relógio de parede>, de 1882.

(...)

AURORA, cujo dono, dr. Robério Nelson de Melo Gaião, doou um <tronco>, viramundo, de madeira, instrumento de suplício dos escravos

(...)

IMBU, cujo proprietário, sra. Va. Pio Genésio Guerra, emprestou um <bangue>, de cipó, côncavo, usado no transporte do bagaço da cana; um «baide» de madeira, usado no carregamento d'água para os trabalhadores do engenho.

JUCA, cujo proprietário, sr. José Correia de Queiroz, emprestou uma <válvula> de retenção, conhecida comumente por <breque de caldeira>.

(...)

POÇO COMPRIDO, cujo proprietário, sra. Abigail e sr. Joaquim Pessoa Guerra, emprestou uma <gamela>, de madeira, uma forma de pão de açúcar, uma <tábua de furos>, um <moinho de pedra> e doou um <carro de boi>, que servia para transporte de cana nesse engenho (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1967).

A matéria que consta a exposição seguinte, “Bigodes”, trata da inauguração desta mostra mas também de outra que até então não se tinha conhecimento, chamada “Fabricação”. Segundo esta mesma matéria datada de 1967, ambas as exposições tiveram como responsável da montagem Luiz Fontoura e os seguintes colaboradores e pesquisadores que ajudaram: Fernando José Wanderlei, Virginia de Barros e Silva Alves dos Santos, Marlene Muniz Passos e Lucia Maria Rosa Cisneiros.

O acervo é digno de interesse; figuram chicanas apropriadas para aqueles que possuíam bigodes avantajados, ricos álbuns de retratos, uma galeria com 10 quadros de pintores, inspirados em temas ligados ao açúcar, uma coleção de pinças de prata para açulcar em tabletes, açucareiros de porcelana, prata e cristal; povilhadores de prata, além de objetos mais propriamente ligados à técnica da fabricação do açúcar. Acompanha a

mostra dos bigodes um folheto explicativo de autoria da senhorita Lucia Maria Rosa Cisneiros (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1967).

A próxima exposição, "Rótulos de Aguardente", data do mesmo ano das anteriores, 1967. A matéria localizada acerca dessa exposição foi escrita por Fernando José Wanderley e não traz muitos detalhes sobre sua concepção e estrutura. O título da reportagem é: "Onde Aparece A Cachaça Na História Social do Nordeste". É uma reportagem que cita bastante rótulos de cachaças e conta as histórias por trás de cada título. A única coisa referente a exposição que a mesma cita, diz sobre dois rótulos em específico:

Num ângulo do Museu do Açúcar, foi montado um "display", que pelo ineditismo do conteúdo prende logo a atenção: duas conhecidas marcas de aguardente, com o rótulo rico em detalhes explicativos para quem quiser experimentar "Especial Aguardente Amansa Sogra": "receita: 1 a 3 cálices Tolera. 3 a 5 Abranda. 5 a 10 Domina. "Especial Aguardente Amansa Corno". Original mistura de açúcar e raspa de chifre de bode preto. Fórmula para abrandar: 1 cálice. Para amansar- 2 a 5 cálices. Para espritar 5 a 10 cálices. Daí para a frente, as consequências correm por conta do freguês" (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1967).

No entanto, o que chama atenção da reportagem é o parágrafo seguinte que trata a visão da cachaça vinda de uma perspectiva preconceituosa da imagem do povo africano, sugerindo que a forma como a reportagem aborda essa perspectiva não só é o que o autor defende, como provavelmente é a mesma tratada na exposição. A matéria diz:

A aguardente impregnou a civilização do açúcar de uma nova cor, substituiu valores outros deixados - em terras d'Africa distante por negro cheio de banzo e tentou preencher o vazio das frustrações humanas, dando origem ao aparecimento de manifestações de uma auto-afirmação, aturdida ante a predominância de imposição de valor, fenômeno de compensação peculiar de regime escravocrata, acompanhado de explosão de misticismo nativo, brotado em terra estranha, de mistura com um caudal de saudosismo: sentimentalismo da raça negra com a nostalgia ibérica. Bebia-se para matar a saudade da terra que ficou-além-mar ou para mitigar a solidão em outras paragens. Bebiá-se para afogar no copo a dor de uma paixão infeliz, ou para esquecer a traição amorosa. Para esquecer amor de negra "fulô" por "Sinhô" branco, ou de moço branco, ioiô de Casa-Grande, a se derreter por moleca fogosa de senzala. Aguardente era para paixão violenta e desenganada de estudante por falá de Casa-Grande ou por menina de sobrado (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1967).

Fica evidente a ideia de "escravidão branda" que fica subtendida na matéria. Esse pensamento era bastante comum em muitos intelectuais da época. Enxergar a

escravidão como algo benéfico para o escravizado, sugerindo até que estes eram por muitas vezes sendo considerados como da família. Para elucidar essa ideia, o autor Flávio Rabelo Versiani afirma o seguinte:

(...) Freyre elaborou de vários modos essa noção em seus livros mais conhecidos, inclusive estendendo-a no tempo (“[No Brasil] a escravidão parece ter sido desde o século XVI mais benigna para o escravo do que na América inglesa”). Onde predominava uma postura “patriarcal” por parte dos senhores —, o que, para Freyre, ocorrera principalmente no Nordeste açucareiro, nas fazendas de café do Rio de Janeiro, nas estâncias sulinas e em áreas urbanas correspondentes — prevalecia “a doçura no tratamento de escravos”; estes teriam sido, “entre os brasileiros (...), mais gente de casa do que besta de trabalho”. Aos modos benévolos dos senhores corresponderia, da parte dos escravos, uma atitude de cooperação (“o sistema patriarcal [era], a seu modo, cooperativo”) ou, pelo menos, conformista (“sempre que tratado paternalmente, [o escravo] foi indivíduo mais ou menos conformado com seu status”). (VERSIANI, 2007, p. 167)

A última exposição temporária que foi identificada intitulava-se “Engenhos do Vale Pirapama” de 1969. Segundo a matéria do Diário de Pernambuco, essa exposição trata da reunião de fotografias e objetos da casa grande para sua representação. Luiz Fontoura foi responsável pela montagem. Em entrevista ao jornal o mesmo afirma: "a exposição proporciona ao visitante ampla visão da cultura açucareira daquela zona do Estado de Pernambuco, oferecendo ainda grande material informativo às pessoas que se dedicam à pesquisa" (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1969).

A amostra reunirá objetos pertencentes a 12 engenhos do vale do Pirapama. As fotografias que serão expostas foram feitas pela equipe de pesquisadores do Museu e focalizam as casas grandes, capelas, moagens e outras dependências. Enviaram material ao Museu os seguintes engenhos: Gurjaú de Cima - um prato de representando "A Caça do Urso no Canavial", uma imagem de São Benedito, jarra e bacia de lavatório; Engenho Novo - duas cadeiras de braço, leques de seda pintado a mão e dois retratos a óleo de Manuel de Sousa Leão e Francisca Severina de Sousa Leão, além de várias peças de louça; Engenho São Braz - Uma imagem de São Brás e outra de Nossa Senhora; Engenho Matas - uma imagem de Sant'Ana; Engenho Monte - uma travessa de louça; Engenho Pau-Santo e Retiro terrinas - molheiras, dois pratos de louça, um prato para bolo, três xícaras, um açucareiro e uma imagem de Nossa Senhora da Conceição; E mais: Engenho Coimbra - um piano; Engenho São José - um santuário; Engenho São Salvador - uma cadeira e uma terrina de louça de Limoges; Engenho Cachoeira Tapada - uma caixa de costume de madeira revestida de veludo vermelho; Engenho Jiquiá - uma cadeira revestida de veludo; e Engenho Soledade - uma imagem do Espírito Santo, representado por uma pomba (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1969).

Fazendo uma análise geral de todas as fontes citadas neste subitem, é possível constatar como todas as exposições temporárias citadas possuem em comum o açúcar da nobreza, do homem branco abastado e pertencentes a famílias tradicionais. Dentre as cinco citadas, algumas ainda tocam na questão dos escravos, mas dentro da insistente narrativa vinculados ao sofrimento e instrumentos de tortura, ou se não sendo romantizado.

### **3.3 ACERVO E ESTRUTURA**

A partir da busca de informações sobre este museu chegaram-se a seis recortes de matérias dentro do corte cronológico de 1961 a 1965. Esse corte data dos primeiros anos de existência do museu. Logo, o teor dessas matérias toca os seguintes assuntos: abertura de exposições, estrutura e doações de peças para o acervo do museu. Diante dessas informações, é importante a criação dessa categoria para entender como funcionava a seleção de objetos que compunham o acervo do museu.

A primeira matéria, segundo a ordem cronológica, data de 29 de janeiro de 1961 e tem como assunto principal a inauguração da primeira exposição do museu na sua sede provisória (Edifício Pirapama), na avenida Conde da Boa Vista. Essa primeira exposição citada não tem seu nome divulgado, no entanto fala sobre ela ser temporária. Além disso, cita os senhores Hamilton Fernandes e Luiz Fontoura, como seus idealizadores.

Nesta primeira exposição, o Museu pretende mostrar no Recife a evolução dos aparelhos de moagem de cana, através de modelos constituídos com como reconstituídos com precisão, bem como toda a documentação que serve de base, e de econografia contemporânea. (...) O Museu não se descuidou de focalizar também a face atual da indústria do açúcar, exibindo, por exemplo, ao lado de um pão de açúcar ainda em fabricação em Amsterdam, um painel com uma visão completa de todos os subprodutos oriundos da cana de açúcar. Dentro desse aspecto, estarão em exibição uma molécula de sacarosa ampliada e a três dimensões, bem como os átomos de oxigênio, hidrogênio e carbono. Constará ainda a mostra de uma exposição das principais edições dos livros de Gilberto Freyre, como uma verdadeira história do patriarcado pernambucano (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1961).

O que chama bastante atenção dessa matéria é o fato de termos uma exposição com um caráter de patrimônio científico e tecnológico. Todas as buscas por fontes acabavam por tratar de exposições com um cunho mais histórico, e essa se torna uma exceção. Outra coisa que chama atenção é a forma como a atual

indústria do açúcar da época precisa recorrer a um outro país para tratá-lo. Deixando a entender que no Brasil esse tipo de tecnologia ainda estava distante, precisando de uma referência internacional. Por fim, a citada exposição não foge dos padrões das outras, quando é citado sobre a “verdadeira” história do patriarcado pernambucano, dando margem mais uma vez à elite e sua forma misógina de querer impor narrativas, tendo como base o Gilberto Freyre.

A segunda matéria data de 16 de abril de 1963 e trata sobre a mudança do museu para a sua sede fixa. A matéria ainda aborda uma visita feita ao espaço, que está finalizando a sua reforma para receber as peças, com a presença do então diretor da época, o senhor Fernando de Cruz Gouvea, que segundo a fonte, era “outro homem ligado a velhos engenhos das várzeas do Paraíba do Norte. Capibaribe-Mirim e do rio Una” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1963). Nessa matéria é descrito o espaço e quais as suas finalidades.

A primeira sala do pavimento térreo está destinada a "assuntos sociais" e seu preparo foi entregue ao pintor Aloisio Magalhães. É ali que se distribuirá um vasto documentário sobre senhores e escravos numa representação objetiva da ação do homem na lavoura da cana e no fabrico do açúcar, nas diversas regiões do Brasil. O salão imediato é propriamente o da agro-indústria do açúcar. Através de desenhos e maquetes poderemos acompanhar a evolução da agricultura canavieira e as transformações na indústria açucareira. Um grande painel esquematiza o preparo do açúcar em todas as suas fases. Ainda no pavimento térreo ficará localizada a "Coleção Francisco Rodrigues", cuja riqueza em fotografias de pessoas e acontecimentos constitui verdadeiro patrimônio cultural, em boa hora adquirido pelo o IAA, para enobrecer o acervo iconográfico do seu Museu (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1963).

Nessa segunda matéria é possível observar a retratação do açúcar mais uma vez pelo olhar e representação da elite branca. A coleção de fotografias citadas representa muito esse olhar, pois é uma coleção que retrata as famílias nobres da região açucareira de Pernambuco, dentre eles, titulares do império, políticos, intelectuais, dentre outras. Existem fotografias de escravos também, porém em condição de inferioridade (MALTA, 2011).

Pode-se confirmar o que afirmado no parágrafo anterior na terceira matéria, datada de 5 de março de 1964, como essas famílias ricas formam massiva presença no acervo do museu. A matéria em questão traz à tona o descuido dessa coleção doada por Francisco Rodrigues. Na matéria é possível ter noção das grandes famílias retratadas na coleção:

Francisco Rodrigues doou a sua coleção de retratos, antiga e valiosíssima, ao Instituto do Açúcar e do Alcool. Constituem-na trabalhos magníficos de artistas franceses que aqui estiveram nos séculos XVIII e XIX, focalizando pessoas das famílias Souza Leão, Utinga, Corrêa de Oliveira. Pessoa de Melo e outros patriarcais da época. Talvez por incompreensão do Museu do Açúcar, a coleção está entregue às traças, o que motivou a renúncia irrevogável do doador de cargo que exercia no IAA. Convinha que o Instituto, se não tem condições de zelar pela coleção, a devolvesse a Francisco Rodrigues (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1964).

As duas últimas matérias tratam de doações para o acervo do museu, e por isso será feito um paralelo sobre ambas. A primeira é de 8 de janeiro de 1965, e aborda a promessa de uma doação de um “coche” pertencente ao Barão de Gurjaú.

O dr. Luiz da Rosa Oiticica, novo diretor do Museu do Açúcar, acaba de receber promessa de valioso donativo àquela instituição. Trata-se do velho coche que pertenceu ao Barão de Gurjaú e que ainda hoje é guardado pelos descendentes do antigo senhor de engenho, como relíquia da família. O sr. Paulo de Souza Leão vai ofertá-lo ao Museu, em nome de sua genitora e irmãos. O coche encontra-se no engenho Novo da Conceição, no Moreno, e será a primeira carruagem a pertencer ao patrimônio do Museu do Açúcar (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1965).

A segunda matéria, de 11 de dezembro de 1965, trata de como o “povo pernambucano” vem reconhecendo a importância da instituição e por isso vem doando peças devido ao reconhecimento do espaço por ser especializado para salvaguardar esses itens.

(...) recebeu várias doações o seu vasto acervo. Isto vem se firmando cada vez mais no conceito do povo desta região, que começa a compreender o grau de valorização e preservação a que atingem os objetos desde que estes passem a pertencer a uma entidade especializada. Entre os vários objetos ligados à civilização do açúcar que foram doados, cons tam: uma vitória, veículo que pertenceu ao barão de Gurjaú, lenço de Tenerife, que pertenceu à baronesa de Utinga; coleção de rendas da terra; rolo para massas do século XIX; uma peça de cerâmica popular; fôrma de pão de açúcar em madeira, estilizada; a uma forma de pão de açúcar de barro. Os doadores foram os srs Antônio e Paulo de Sousa Leão, as sras. Ana Rita Vanderlei de Siqueira, Maria de Lurdes de Andrade de Lira, Lúcia de Aquino Fonseca, Leopoldina de Aquino Fonseca. srta. Lúcia Cisneiros, Usina Pumati e a sra. Maria Cristina Sousa Leão (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1965).

Ambas matérias tratam da doação de importantes objetos para importantes famílias, detentoras de capital financeiro e intelectual. É notório isso pelos nomes das famílias citadas e pelos seus títulos. O mais interessante ainda, é a matéria relacionar o “povo pernambucano” com o reconhecimento da importância do museu,

pois, tudo o que foi doado pelas famílias está longe de pertencer ou muito menos representar o citado “povo”.

### 3.4 RESSONÂNCIA DO MUSEU

Diante das outras categorias e suas fontes apresentadas, é importante entender como a existência desse museu repercutiu para a população pernambucana e até mesmo para fora do Brasil. O recorte temporal dessa categoria foi de 1960 a 1966. Foram selecionadas 6 matérias que mostram essa relação.

A primeira matéria é de 21 de setembro de 1960, traz um comentário do importante professor, engenheiro agrônomo e ecólogo brasileiro, Vasconcelos Sobrinho.

O Museu do Açúcar deve ser uma reprodução exata do ambiente da civilização do açúcar, tal como descreve e precisa Casa-Grande e Senzala. O triângulo: Casa-Grande, Capela e Engenho, ou mesmo o quadrilátero, com o acréscimo da Senzala, deve ser reconstituído naquele relativamente pequenino lote de terreno no Monteiro, relembrando de modo patético o núcleo da civilização açucareira. Que o terreno não cabe, eu bem sei, se o fizerem nos seus tamanhos naturais, mas tudo pode ser construído em miniatura. Uma Disneylandia pernambucana do açúcar. Casa-Grande, Capela, Engenho e Senzala, e não apenas isto em torno o gramado onde pastam bois de trabalho e passa o carro recheado de cana em direção à moagem, com carreiro e tudo. No pátio, Senhor-de-Engenho em seu cavalo: o palanquim com a Senhora, em menção de sair da soleira da casa. Mais ao lado, fora do cercado, uma nesga de canavial com o eito, enxada em punho e o feitor. Nada de carne e osso, é certo, mas de madeira, de barro, de gesso. Sobre o material de construção, sobre as proporções precisas da miniaturização, cabe os arquitetos, aos escultores, aos paisagistas opinar. A Casa-Grande com sua sala de visitas, sua alcova, sua cozinha de fogão à lenha e caldeirões de ferro e panelas de barro. A Senzala com suas enxergas, seus troncos, seus grilhões. A Capela com seu altar e alfaias. O Engenho com suas moendas, sua casa de purgar com os pães-de-açúcar, sua destilaria, sua bagaceira. Quem visitar a Disneylandia do açúcar receberá do conjunto uma impressão exata e profunda da chamada civilização pernambucana do açúcar, impossível de ser alcançada pela visita a um simples pavilhão guarda-móveis como são os museus mortos que existem por aí. Mas, é certo que um tal pavilhão também é necessário. Há tanta coisa relacionada com a nossa civilização açucareira que vale a pena catalogar, proteger! Também deve ser fixada a sequência da evolução da indústria açucareira, desde as almanjarras puxadas a escravos, depois tangidas a bois, até à usina moderna (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1960).

Duas coisas chamam atenção no comentário do Vasconcelo Sobrinho. A primeira é o fato de que já na concepção do museu no ano de 1960, já estava fixado a ideia de que este deveria partir da premissa de abordar os passos da agroindústria da cana, focando na indústria do açúcar, dando mais importância à civilização do açúcar. Isso fica muito claro ao longo do texto do Sobrinho, que faz referência ao

quanto a “civilização do açúcar” estava cristalizada no imaginário das pessoas, principalmente intelectuais da época, como o próprio Sobrinho.

O segundo fato que chama a atenção, é a forma como essa intelectuais enxergam essa valorização da civilização do açúcar e toda a sua estrutura preconceituosa e elitista, que vislumbram toda essa mesma estrutura como um parque de diversões, chegando a associar a “disneylândia”.

As três próximas matérias são do mesmo ano, alterando apenas os meses dos seus acontecimentos. Todas as três se pautam em como o museu era visto nacionalmente e internacional. A matéria é de 24 de maio de 1961, por exemplo, trata da visita do historiador e folclorista Câmara Cascudo, Fernando Cruz Gouveia e Jaime Griz ao museu.

O escritor Câmara Cascudo fez sentir, diante de todos os presentes, o seu entusiasmo pela instalação, no Recife, de um empreendimento de tão grande importância cultural e pelo que representa em toda região do Nordeste, zona por excelência da indústria açucareira. Disse ainda, que, quando voltasse à Europa, o que se dará dentro de poucos meses, provocaria a vinda de estudiosos do assunto para visitar o Museu, porque os que visitou nos países europeus em nada se igualavam ao nosso (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1961).

É interessante ver como o museu ainda em sua sede provisória, demonstrava possuir um teor de importância para essa intelectualidade da época. Chegando a ser citado como referência nesse aspecto. A matéria seguinte reforça esse olhar internacional de importância que era dado à instituição e seu acervo. A matéria em questão data de 18 de julho de 1961.

AÇÚCAR TEM MUSEU IDEAL A comissão de professores americanos que visita Pernambuco a uma viagem de estudos, denominada «Comissão Fulbright» passou a tarde de ontem no Museu do Açúcar, do IAA, e após a visita disseram alguns de seus membros: «O Museu do Açúcar é um museu ideal ao qual desejamos êxito em sua tarefa de preservar estes aspectos valiosos do passado brasileiros». Os professores «yankeess» foram recebidos pelo diretor do Museu, sr. Fernando a Cruz Gouveia; observaram a coleção de fotografias de Francisco Rodrigues sobre a civilização do açúcar e as várias peças artísticas do MA que retratam as fases da agroindústria brasileira de Pernambuco. Na foto, a comissão escuta o sr. Fernando da Cruz Gouveia e vê um antigo «senhor de engenho» no transporte da época (século XVII), movido a braços de escravos (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1961).

A próxima matéria segue reforçando a importância da existência do museu e de como ele contribuiu com a valorização da cultura nacional por meio da visita de

importantes figuras da área na época, diretores de revistas açucareiras da Argentina e Praga, sendo eles consecutivamente Roberto Lanuce e Jozef Lewon. A matéria data de 29 de agosto de 1961.

(...) E esta ação cultural não tem passado despercebida a ilustres visitantes nacionais e estrangeiros. "A nideal Museum" uma expressão usada por numerosos diretores da Fundação Fulbright, que visitaram o Recife no mês passado. Roberto Lanusse, diretor da mais importante revista açucareira da Argentina, e Jozef Lewon, diretor da "Gazeta Cukrownicza" de Praga, foram igualmente expressivos em suas cartas dirigidas ao Museu. Centenas de opiniões estão registradas no livro de visitas, e todas elas, sem exceção, louvam o alto valor do Museu Açúcar de - um autêntico orgulho nossa cultura (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1961).

Essas reportagens citadas que tocam sobre a relevância e a atenção dada ao museu de ponto de vista internacional possuem em comum a organização Comissão Fulbright, que fez muitos acordos de pesquisa no Brasil nessa época, fazendo parte da estrutura americana de apoio político-ideológico.

Segundo o site dessa organização "O Programa de Intercâmbio Educacional e Cultural do Governo dos Estados Unidos da América foi criado em 1946,(...) e tem como principal objetivo ampliar o entendimento entre os EUA e outros países"<sup>5</sup>. estava acontecendo em plena guerra fria, logo, fica claro o posicionamento do museu em meio ao conflito.

Outro fato importante a ser mencionado nessas matérias já citadas, é sobre o historiador e folclorista Câmara Cascudo. O mesmo produziu muita coisa que embasou Freyre, compartilhando inclusive muitos pontos de vista.

(...)na obra de Câmara Cascudo se faz presente a dicotomia entre sertão e cidade, ou entre província e centro urbano: os primeiros termos da dualidade são os lugares da tradição e, os últimos, os da modernidade. Contudo, Cascudo não pretende conciliá-los, mas preservar a cultura popular, a partir da qual se poderia entrever a identidade nacional. O estudo do folclore serviria,então, como ferramenta para tal empreitada. (...) A miscigenação seria também fator preponderante para a compreensão dessa cultura popular,na qual o elemento português ocuparia, mais uma vez, posição privilegiada. (SOUZA 2009).

Ou seja, é inevitável concluir que a visita e o louvor prestado ao museu é de alguma forma uma compactuação com tudo que estava sendo exposto é entendido, como também de uma visita de alguém com um grau de amizade próximo de quem

---

<sup>5</sup> Texto disponível no site <https://fulbright.org.br/quem-somos/>

iria abordar futuramente no mesmo museu narrativas similares com essa perspectiva de tradicionalismo e regionalismo, que o Freyre daria ao museu.

A quinta matéria data de 20 de outubro de 1963, trata-se de um artigo de opinião do engenheiro agrônomo Marcelo Azevedo. O agrônomo ressalta como é necessário a existência do museu e que sua concretude irá de alguma forma trazer dignidade e justiça aos “trabalhadores que batalharam” por esse espaço.

Com a inauguração do Museu do Açúcar, na capital pernambucana, tivemos preenchida uma lacuna. Com a concretização dessa arrojada iniciativa, erigimos o preito de uma justa homenagem aos nossos antepassados aqueles que batalharam incansavelmente. construindo pedra por pedra o edifício econômico do Estado líder do Nordeste.(...) Representa muito para os pernambucanos, esse Museu, que preservará através dos anos, todo esse material de inestimável valor. Não faltaram, como sempre, os espíritos negativistas que combatem e procuram destruir obras de interesse e alta significação, como o é o Museu do Açúcar. Indiferente porém às críticas destrutivas, e corajosamente levado para a frente, por uma pléiade de homens que acreditavam na importância real do empreendimento, já iniciado, temos hoje no Recife o Museu do Açúcar, que irá enaltecer, com justiça e dignidade, as várias gerações de incansáveis trabalhadores, que contribuíram de forma magnífica, para o desenvolvimento da vasta região compreendida pelo Nordeste Canavieiro do Brasil (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1963).

Duas coisas são interessantes nesse relato. A primeira é o fato dele citar críticas acerca da existência desse museu, pois, nas pesquisas da Hemeroteca quando busco com a palavra chave "críticas ao museu do açúcar" não é localizada nenhuma matéria. Ao contrário disso, apenas elogios e destaques à instituição por parte do Diário de Pernambuco. Logo, é minimamente curioso como as vozes por trás da curadoria das pautas que seriam publicadas nesse jornal descartam a possibilidade de dar espaço para redigir críticas ao museu. Configurando assim, um espaço dessa elite registrar que precisa ser representada e tratada como protagonista dessa narrativa.

O segundo ponto a ser tratado é mais uma vez trazer a tona a ideia de como esse instituição tinha como base de sua formação trabalhadores e como estes seriam bem representados e produziram a imagem do “povo pernambucano”, inclusive com justiça e dignidade, mas tudo o que compõe o museu não traz como base e importância do açúcar em Pernambuco e na região nordeste as famílias ricas tradicionais e seus senhores de engenho.

A última matéria é de 11 de dezembro de 1966, é citado pelo jornal um concurso de fotografia para profissionais e amadores da área.

Até o próximo dia 26 do corrente, serão recebidos os trabalhos concorrentes ao concurso de fotografia promovido pelo Museu do Açúcar, os quais disputarão prêmios no valor de 180 e 100 mil cruzeiros, para a primeira e segunda classificações respectivamente. Os trabalhos deverão retratar variados aspectos do interior e exterior das antigas casas grandes de engenhos, preferivelmente identificadas, em preto e branco e medindo trinta por quarenta centímetros. Do concurso, promovido pelo Museu do Açúcar, poderão participar todos os fotógrafos, amadores ou profissionais, os quais poderão mostrar mais de um trabalho, se quiserem, desde que os mesmos estejam enquadrados ao tem “casa grande”. Para julgar as fotografias foi instituída uma comissão de três técnicos. Os nomes dos concorrentes que só serão dados a conhecer após o julgamento. Os trabalhos dos concorrentes ficarão expostos no Museu do Açúcar, durante um mês, após o encerramento do concurso (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1966).

É louvável o fato do museu recorrentemente aproximar-se da sociedade por meio de concursos. Analisando os documentos do arquivo do MUHNE e também as reportagens do Diário de Pernambuco, é comumente periódico essas ações, principalmente com estudantes. Dentre essas ações, foi escolhida esta, pelo fato das duas melhores fotografias ficarem expostas no museu. Por se tratar de um concurso que exige como requisito a retratação nessas fotografias exclusivamente da casa grande.

Diante dessa última matéria, fica bastante claro que o objetivo do museu era dar destaque a estrutura de “casa grande/senzala”. Retratando a elite como “povo pernambucano” e “trabalhadores”, mas que na verdade oprimiu, explorou e matou. Logo, o MA distorce a narrativa e apaga as vozes daqueles que de fato compõem o povo pernambucano. Esses, que foram humilhados e maltratados, têm sua história relegada ao espaço da senzala, exposta apenas sob o viés da dor e das diversas formas de tortura a que foram submetidos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho trouxe uma análise da trajetória, existência, processos museológicos e relação do MA com o estado de Pernambuco. Após esta análise, é possível primeiramente entender que existia no objetivo do MA uma interpolação de tipologias. Quando este diz que o seu foco está voltado para a representação da agroindústria (tipologia ciência e tecnologia) e ao mesmo tempo voltar-se para a valorização da civilização açucareira (tipologia histórico/ortodoxa), isto acaba por gerar uma expectativa, que ao analisar as exposições e o acervo do museu, percebe-se que na prática a instituição fica presa no formato histórico ortodoxo de museu, esquecendo de tocar nas pautas voltadas para a indústria do açúcar.

Não que seja um problema esta dubiedade quanto sua identidade, no entanto é perceptível que a diversidade de profissionais que ficavam a frente das exposições fez com que uma determinada tipologia tivesse mais preferência que outra. Exemplo disto é quando o designer gráfico e pintor Aloísio Magalhães, um grande apoiador da arte popular, ficou responsável por uma das primeiras exposições do museu intitulada "O homem e o açúcar". A exposição contou com várias peças que aludem à arte popular, mas nada na perspectiva industrial.

Com relação aos processos museológicos do MA, este seguia um viés bastante tradicionalista dessa civilização açucareira. Por mais que a instituição só viesse a ter a ideologia freyriana oficial acerca da civilização do açúcar já nos seus anos finais (quando o IJNPS assume a direção do museu), é muito perceptível como o pensamento de Freyre domina o senso comum da elite, o que só corrobora com a existência do museu.

Como citado anteriormente, a partir da ótica do historiador Meneses (1993), o MA com essa narrativa acaba por voltar no tempo do Brasil colonial e estagnar lá. Todas as pautas do museu são voltadas para a estrutura casagrande-senzala-capela. Romantizando todo o passado e deixando de lado todas as problemáticas sociais da época. Diante disto, o MA configurava um espaço onde o açúcar representado era apenas o da elite.

O que chama atenção é como a elite necessitava da existência deste espaço, isso mesmo antes de o pensamento freyriano impregnar a instituição, e isto fica evidente nas matérias do Diário de Pernambuco. O jornal acabava sendo um dispositivo que servia para embasar todas as narrativas levantadas pela instituição, servindo de ferramenta para validar e divulgar estas narrativas. É perceptível isto na

análise das reportagens onde o museu sempre está sendo exaltado ou denunciando algum descaso.

Diante de tudo o que foi elencado, é louvável afirmar sobre a existência desta instituição e do seu acervo para o patrimônio científico e tecnológico pernambucano. Até então, a instituição foi a única que se propôs apresentar de alguma forma o processo industrial evolutivo da cana de açúcar, dando visibilidade ao patrimônio científico e tecnológico no Estado de Pernambuco. Quanto a isto, a autora Emanuela Ribeiro afirma:

Neste sentido, é importante lembrar que Pernambuco teve uma longa experiência na promoção do seu patrimônio cultural, tendo sido um dos estados pioneiros na adoção de medidas preservacionistas já no início do século XX, antes mesmo da constituição do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), em 1937. Porém, tais ações não reverberam na proteção do seu patrimônio cultural de ciência e tecnologia, pois, a percepção deste tipo de acervo como patrimônio cultural ainda é muito recente. Poderíamos mesmo dizer que ainda está em construção no Estado a ideia de que a ciência e a tecnologia também podem se constituir como tal (RIBEIRO, 2015, p. 54).

Assim, é necessário rememorar a existência desta instituição, tendo em vista que Pernambuco ainda principia na salvaguarda deste tipo de patrimônio. Diante a ausência de museus dessa tipologia a necessidade da importância do Patrimônio Cultural de Ciência e Tecnologia e suas respectivas coleções se faz importante. O MA se mostrou uma instituição significativa para o desenvolvimento de pesquisa da área, buscando assim fortalecer os estudos desta tipologia de museu.

Dessa forma, conclui-se que a trajetória e o acervo do Museu do Açúcar refletem uma tentativa de musealização do patrimônio técnico-científico da cana-de-açúcar, no entanto, se destaca pelo projeto de memória seletiva articulado com a elite e o Estado de Pernambuco. Assim, os problemas de pesquisa apresentados nesta monografia encontram resposta na análise crítica das práticas expositivas, das relações institucionais e das narrativas construídas pelo museu.

## REFERÊNCIAS

ALMENDRA, Renata S. Museus, modernidade e colonialidade. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, v. 29 n. 2, 2016.

ARAÚJO, Silvana Barbosa Lira de. **Guardiões, memórias e fronteiras**: histórias e gestão do Museu do Homem do Nordeste. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Profissional em Gestão Pública Para o Desenvolvimento Do Nordeste, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014. Disponível em: < <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/13865> >. Acesso em: 14 nov. 2021.

BRULON, Bruno. **A History of Museology: Key authors of museological theory**. Paris: ICOFOM, 2019.

\_\_\_\_\_. Passagens da Museologia: a musealização como caminho. **Museologia e Patrimônio**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 189-210, 2018. Semestral. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/722/657>. Acesso em: 10 nov. 2021.

**Carta de Veneza de maio de 1964**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>. Acesso em 15 de abril de 2023.

CHAGAS, Mario de Souza. **A imaginação museal** : museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

CURY, Marília Xavier. **Exposição: concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2005.

DE JESUS, P. M. Uma reflexão sobre o processo de musealização: o patrimônio imaterial nos espaços museais. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 48, n. 4, 23 Jul. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.36572/csm.2014.vol.48.04>. Acesso em: 10 nov. 2021.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia**. Tradução: Bruno Brulon Soares, Marília Xavier Cury. ICOM: São Paulo, 2013, p. 56 - 58.

Enes, Thiago. “Os Paradoxos Freyrianos: Casa-Grande & Senzala E O Pêndulo Oscilante Entre Rupturas E Continuidades Com a Oligarquia Brasileira.” **IBEROTROPICALISMO**, by Ángel-Baldomero Barrio et al., Recife - PE, Editora Massangana, 2020, p. 257–269.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O Patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ: IPHAN, 1997.

Instituto Brasileiro de Museus. **Museus em Números**/Instituto Brasileiro de Museus Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011. 240 p.; 29,7 cm; vol. 1

GRANATO, Marcus; RIBEIRO, Emanuela Sousa; ARAÚJO, Bruno Melo de. **Carta do Patrimônio Cultural de Ciência e Tecnologia: produção e desdobramentos**. In: GRANATO, Marcus; RIBEIRO, Emanuela Sousa; ARAÚJO, Bruno Melo de (Org.). **Cadernos do Patrimônio da Ciência e Tecnologia: instituições, trajetórias e valores**. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2017. p.11-19

Malta, Albertina. **“Coleção Francisco Rodrigues – a Digitalização de Fotografias Dos Séculos XI E XX Para O Portal Domínio Público, Uma Estratégia de Preservação E Difusão Da Memória.”** Conferência Sobre Tecnologia, Cultura E Memória - CTCM., 2011, [www.liber.ufpe.br/ctcm2011/anais/anais\\_ctcm/8\\_Colec\\_fco\\_rod%20.pdf](http://www.liber.ufpe.br/ctcm2011/anais/anais_ctcm/8_Colec_fco_rod%20.pdf). Acesso 10 Abr. 2023.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **“A problemática da identidade cultural em museus: de objetivo (de ação) a objeto (de conhecimento)”**. Anais do Museu Paulista História e Cultura Material. São Paulo, n.1, p. 207-222, 1993;

\_\_\_\_\_. **“Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. Debate (continuação)”**. Anais do Museu Paulista História e Cultura Material. São Paulo, n.3, p. 103-126, 1995;

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Revista Projeto História**. São Paulo: Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / PUC-SP, no.10, 1993, pp. 07-28

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUIJANO, Aníbal (2000). “Colonialidade do poder e classificação social”. **Journal of world-systems research**, v. 11, n. 2, p. 342-386.

RIBEIRO, Emanuela Sousa. **Projeto Valorização do Patrimônio de C&T Brasileiro: Resultados em Pernambuco. Museologia e Patrimônio**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 29-56, 2015. Semestral. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/433/439>. Acesso em: 30 set. 2021.

SCHEINER, T. **Apolo e Dioniso no Templo das Musas. Museu: gênese, ideia e representações nos sistemas de pensamento da sociedade ocidental**. 1998, 152 f. Dissertação (Mestrado)-Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 1998. 80 p.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **Identidade nacional e modernidade brasileira: o diálogo entre Sílvio Romero, Euclides da Cunha, Câmara Cascudo e Gilberto Freyre**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, 232 pp.

SZMRECSÁNYI, Tomás; SÁ, Ana Cristina. INSTITUTO DO AÇÚCAR E DO ÁLCOOL (IAA). **Fundação Getúlio Vargas.** Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/instituto-do-acucar-e-do-alcool-iaa>. Acesso em: 01 dez. 2021.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais.** São Paulo: Atlas, 1987. p. 124-131.

VERSIANI, Flávio Rabelo. Escravidão "suave" no Brasil: Gilberto Freyre tinha razão?. **Revista Economia Política**, v. 27, n. 2, p.163-183, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rep/v27n2/a01v27n2.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2010.

#### **Documentos Jurídicos:**

Diário Oficial da União, **Seção I, Parte I.**, publicado no dia 27 de outubro de 1977. Arquivo Institucional da Fundação Joaquim Nabuco.

#### **Documentos não publicados:**

Ministério da Educação e Cultura. Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisa Social. Museu do Homem do Nordeste. **Resposta do Questionário da Enciclopédia Delta Larousse.** Recife, s/pág. 1970.

Ministério da Educação e Cultura. Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisa Social. Museu do Homem do Nordeste. **Documentação Administrativa do Museu do Açúcar.** Recife, s/pág. 1973.

Ministério da Educação e Cultura. Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisa Social. Museu do Homem do Nordeste. **Crônica do Museu do Açúcar.** Recife, s/pág. 1970.

Ministério da Educação e Cultura. Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisa Social. Museu do Homem do Nordeste. **Carta De Freyre Para O Presidente Do IAA.** Recife, s/pág. 1973.

Ministério da Educação e Cultura. Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisa Social. Museu do Homem do Nordeste. **Jornal do Brasil (Rio de Janeiro), "Intelectuais pernambucanos temem pela incorporação do Museu do Açúcar ao IJNPS"**. Rio de Janeiro, s/pág. 1975.

Ministério da Educação e Cultura. Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisa Social. Museu do Homem do Nordeste. **Diário de Pernambuco (Recife), "Indústria elogia medida de incorporar o Museu do Açúcar ao acervo do IJNPS"**. Recife, s/pág. 1975.

Ministério da Educação e Cultura. Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisa Social. Museu do Homem do Nordeste. **Jornal da Manhã (São Paulo), "Museu do Açúcar em má situação"**. São Paulo, s/pág. 1976.

Ministério da Educação e Cultura. Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisa Social. Museu do Homem do Nordeste. **Diário de Pernambuco (Recife) “Diretor Renúncia e Museu Enfrenta Crise”**. Recife, s/pág. 1977.

Ministério da Educação e Cultura. Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisa Social. Museu do Homem do Nordeste. **Museu do Açúcar Histórico**. Recife, s/pág. 1978.

#### **Jornal:**

“AÇÚCAR TEM MUSEU IDEAL .” Diário de Pernambuco , vol. 00161, no. 1, 18 Jul 1961, p. 5. **Biblioteca Nacional** , memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033\_14&pesq=%22museu%20do%20a%C3%A7ucar%22&pasta=ano%20196&hf=memoria.bn.br&pagfis=11285. Acesso 13 Mar 2023.

Azevedo , Marcelo. “O MUSEU DO AÇÚCAR Marcelo AZEVEDO: Eng. Agrônomo.” Diário de Pernambuco, vol. 00223, no. 1, 20 Out. 1963. **Biblioteca Nacional** , memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033\_14&pesq=%22museu%20do%20a%C3%A7ucar%22&pasta=ano%20196&hf=memoria.bn.br&pagfis=25606. Acesso 13 Mar 2023.

“Coisas Da Cidade: MUSEU DO AÇÚCAR.” Diário de Pernambuco , vol. 00070, no. 1, 16 Abr. 1963. **Biblioteca Nacional**. memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033\_14&pesq=%22museu%20do%20a%C3%A7ucar%22&pasta=ano%20196&hf=memoria.bn.br&pagfis=21927. Acesso 13 Mar 2023.

“Doações Valiosas Aumentam O Acêrvo Do Museu Do Açúcar.” Diário de Pernambuco , vol. 00278, no. 1, 11 Dez. 1965, p. 3. **Biblioteca Nacional** , memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033\_14&pesq=%22museu%20do%20a%C3%A7ucar%22&pasta=ano%20196&hf=memoria.bn.br&pagfis=40065. Acesso 13 Mar 2023.

“Escritor Câmara Cascudo Visitou Museu Do Açúcar.” Diário de Pernambuco , vol. 00117, no. 1, 24 Mai 1961. **Biblioteca Nacional** , memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033\_14&pesq=%22museu%20do%20a%C3%A7ucar%22&pasta=ano%20196&hf=memoria.bn.br&pagfis=10272. Acesso 13 Mar 2023.

“Francisco Rodrigues Doou a Sua Coleção de Retratos, Antiga e Valiosíssima ao Instituto de Açúcar e Álcool.” Diário de Pernambuco , vol. 00053, no. 1, 5 Mar. 1964. **Biblioteca Nacional**. memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033\_14&pesq=%22museu%20do%20a%C3%A7ucar%22&pasta=ano%20196&hf=memoria.bn.br&pagfis=27986. Acesso 13 Mar 2023.

“Museu Do Açúcar Dará 2 Prêmios a “Casa Grande.”” Diário de Pernambuco, vol. 00282, no. 1, 11 Dec. 1966, p. 3. **Biblioteca Nacional** , memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033\_14&pesq=%22museu%20

do%20a%C3%A7ucar%22&pasta=ano%20196&hf=memoria.bn.br&pagfis=47040.  
Acesso 13 Mar 2023.

“MUSEU DO AÇÚCAR GANHARA CARRUAGEM .” Diário de Pernambuco , vol. 00006, no. 1, 8 Jan. 1965. **Biblioteca Nacional** , memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033\_14&pesq=%22museu%20do%20a%C3%A7ucar%22&pasta=ano%20196&hf=memoria.bn.br&pagfis=33723.  
Acesso 13 Mar 2023.

“Museu Do Açúcar Inaugura Exposição Sobre Engenhos.” Diário de Pernambuco, vol. 00256, no. 1, 4 Nov. 1969, p. 7. **Biblioteca Nacional**, memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033\_14&pasta=ano%20196&pesq=%22Engenhos%20do%20Vale%20do%20Pirapama%22&pagfis=75315. Acesso 13 Mar 2023.

““Museu Do Açúcar” Inaugura-Se Amanhã.” Diário de Pernambuco , vol. 00025, no. 1, 29 Jan. 1961. **Biblioteca Nacional**. memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033\_14&pesq=%22museu%20do%20a%C3%A7ucar%22&pasta=ano%20196&hf=memoria.bn.br&pagfis=8077.  
Acesso 13 Mar 2023.

“Museu Do Açúcar inaugurou mostras: bigodes e fabricação.” Diário de Pernambuco , vol. 00180, no. 1, 4 Ago. 1967, p. 3. **Biblioteca Nacional**. memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033\_14&pesq=%22museu%20do%20a%C3%A7ucar%22&pasta=ano%20196&hf=memoria.bn.br&pagfis=51879.  
Acesso 13 Mar 2023.

“Museu Do Açúcar Pode Ser Visitado Agora Diariamente.” Diário de Pernambuco” , vol. 00224, no. 1, 22 Out. 1963, p. 5. **Biblioteca Nacional**, memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033\_14&pesq=%22museu%20do%20a%C3%A7ucar%22&pasta=ano%20196&hf=memoria.bn.br&pagfis=25643.  
Acesso 13 Mar 2023.

“MUSEU DO AÇÚCAR: MODERNO E DINÂMICO CENTRO DE ESTUDOS .” Diário de Pernambuco , vol. 00197, no. 1, 29 Ago. 1961, p. 5. **Biblioteca Nacional** , memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033\_14&pesq=%22museu%20do%20a%C3%A7ucar%22&pasta=ano%20196&hf=memoria.bn.br&pagfis=12103.  
Acesso 13 Mar 2023.

“Museu Prepara Nova Exposição.” Diário de Pernambuco, vol. 00281, no. 1, 6 Dez. 1964, p. 13. **Biblioteca Nacional**, memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033\_14&pesq=%22museu%20do%20a%C3%A7ucar%22&pasta=ano%20196&hf=memoria.bn.br&pagfis=33136.  
Acesso 13 Mar 2023.

“Museu Do Açúcar: Instalação a 30 .” Diário de Pernambuco , vol. 00022, no. 1, 29 Jan. 1961, p. 3. **Biblioteca Nacional** , memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033\_14&pesq=%22museu%20do%20a%C3%A7ucar%22&pasta=ano%20196&hf=memoria.bn.br&pagfis=8018.  
Acesso 13 Mar 2023.

“Onde Aparece a Cachaça Na História Social Do Nordeste.” Diário de Pernambuco, vol. 00253, no. 1, 29 Out. 1967. **Biblioteca Nacional**, memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033\_14&pasta=ano%20196&pesq=%22R%C3%B3tulos%20de%20Aguardente%22&pagfis=53966. Acesso 13 Mar 2023.

Pontes, Joel . “Diário Artístico: MUSEU DO AÇÚCAR.” Diário de Pernambuco , vol. 00105, no. 1, 10 Mai. 1960, p. 8. **Biblioteca Nacional**, memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033\_14&pesq=%22museu%20do%20a%C3%A7ucar%22&pasta=ano%20196&hf=memoria.bn.br&pagfis=2711. Acesso 13 Mar 2023.

“SENHORES DE ENGENHO DO SIRIJI EXPÕEM OBJETOS ANTIGOS NO MUSEU DO AÇÚCAR.” Diário de Pernambuco , vol. 00025, no. 1, 29 Jan. 1967, p. 5. **Biblioteca Nacional**, memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033\_14&pesq=%22museu%20do%20a%C3%A7ucar%22&pasta=ano%20196&hf=memoria.bn.br&pagfis=48058. Acesso 13 Mar 2023.

Sobrinho, Vasconcelo. “MUSEU DO AÇÚCAR.” Diário de Pernambuco , vol. 00213, no. 1, 21 Set. 1960. **Biblioteca Nacional**, memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033\_14&pesq=%22museu%20do%20a%C3%A7ucar%22&pasta=ano%20196&hf=memoria.bn.br&pagfis=5456. Acesso 13 Mar 2023.

““TITULARES PERNAMBUCANOS DO IMPÉRIO”: EXPOSIÇÃO NO MUSEU DO AÇÚCAR.” Diário de Pernambuco, vol. 00107, no. 1, 14 Mai 1965. **Biblioteca Nacional**, memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033\_14&pesq=%22Titulares%20Pernambucanos%20do%20Imp%C3%A9rio%22&pasta=ano%20196&hf=memoria.bn.br&pagfis=36024. Acesso 13 Mar 2023.